



**João Tonini Oliveira Telles**

**Transferência e Sugestionabilidade: A  
Idealização e o Lugar do Líder Nas Massas**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) do Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

Orientadora: Profa. Monah Winograd

Rio de Janeiro,  
Abril de 2024



**João Tonini Oliveira Telles**

## **Transferência e Sugestionabilidade: A Idealização e o Lugar do Líder Nas Massas**

Dissertação apresentada como requisito parcial para  
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-  
Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) da PUC-Rio.  
Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

**Profa. Monah Winograd**

Orientadora

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

**Profa. Daniela Romão Barbuto Dias**

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

**Profa. Eduardo Cavalcanti de Medeiros**

Consultório Particular

Rio de Janeiro, 10 de abril de 2024

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e da orientadora.

**João Tonini Oliveira Telles**

Graduou-se em psicologia em 2017 pela PUC-Rio. Atua como psicólogo clínico desde 2017. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, PUC-Rio.

Ficha Catalográfica

Telles, João Tonini Oliveira

Transferência e sugestionabilidade : a idealização e o lugar do líder nas massas / João Tonini Oliveira Telles ; orientadora: Monah Winograd. – 2024.

91 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2024.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Transferência. 3. Sugestão. 4. Ideal do Eu. 5. Líder. 6. Massa. I. Winograd, Monah. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Para os meus pais, que me possibilitaram chegar além do  
que foi percorrido por eles.

## **Agradecimentos**

À Monah Winograd, orientadora ímpar, que me despertou o desejo de aplicar para o mestrado depois de uma excelente experiência no SPA. Fez-se presente ao longo de todo o percurso, absolutamente acessível e amorosa, com seu olhar crítico e sensível.

À Daniela Romão, amiga e supervisora que esteve sempre ao meu lado e me ensinou tanta coisa: na qualificação, nos corredores virtuais inaugurados pela pandemia e em sala de aula.

Aos meus pais, Francisco e Rita, que me possibilitaram o melhor desde o início de minha vida e me apontaram os caminhos mais significativos.

Aos meus irmãos, Helena e Bernardo, que me acompanham a vida inteira ao meu lado, nas brigas e amores distribuídos igualmente de graça.

À minha companheira, Carolina, tão parceira quanto motivadora, que não me deixou desistir mesmo nos momentos mais difíceis de minha produção.

À Frida e Madalena, minhas amadas enteadas que, mesmo roubando meu tempo e atenção nas produções acadêmicas de final de semana, servem de norte para aquilo que entendo como futuro.

Ao Eduardo Zaidhaft, parceiro da psicologia desde os tempos de graduação, que doou seu tempo para me auxiliar nessa produção, apesar de todas suas demandas profissionais e familiares junto à pequena Laila.

Ao Eduardo Medeiros, grande mestre que me serve de referência tanto na produção acadêmica como na clínica e que aceitou de prontidão fazer parte da banca.

À minha avó Irene, referência absoluta de mulher acadêmica, que em minha decisão de adentrar nesse projeto serviu como norte platônico.

À minha avó Sônia, figura fundamental em minha criação, que não poderá ver esse projeto concluído, mas que certamente faz parte dessa conquista.

À escola Sá Pereira, instituição que formou a criança que habita em mim e que, depois de formado, me abriu os olhos para as formas de relações entre indivíduos, dando o impulso primeiro para pensar esse projeto.

Ao Lucas, amigo do peito, que me acompanhou em toda a pandemia, sendo minha base principal. Estava comigo quando estava sozinho e decidi submeter meu projeto quando a vida parecia estagnada.

Aos meus amigos de moradia, Pedro e Ricardo, por me deixarem trabalhar em paz e acatarem os meus pedidos de silêncio de forma respeitosa.

À CAPES e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001

## Resumo

Telles, João Tonini Oliveira; Winograd, Monah. **Transferência e sugestionabilidade**: a idealização e o lugar do líder nas massas. Rio de Janeiro, 2024. 91 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A presente pesquisa busca expor aspectos e proporcionar reflexões a respeito das formações de massas humanas e, mais especificamente, pensar as particularidades do lugar ocupado pela figura de liderança nesse fenômeno. Para isso, partiremos de uma exposição detalhada daquilo que ficou conhecido como massa, grupos ou multidões. Em seguida, retornaremos às origens daquilo que ficou conhecido como psicoterapia, tomando como ponto de partida o trabalho realizado por Mesmer a partir de sua terapêutica magnética. Seguindo nesse percurso, abordaremos os caminhos e estudos posteriores das práticas hipnóticas dos reconhecidos Charcot e Bernheim, para depois chegar à formulação da clínica freudiana propriamente. Outra tarefa primordial para esse trabalho será a articulação de conceitos metapsicológicos fundamentais para essa discussão: sugestão, hipnose e regressão. Nosso intuito com esse roteiro é melhor compreender o fenômeno da transferência: desde sua percepção embrionária nos tratamentos mais variados, passando pela técnica psicanalítica até chegar em sua compreensão a partir do fenômeno das massas. Servir-mos do trabalho freudiano de 1921, “Psicologia das Massas e Análise do Eu”, para melhor desenvolver essa explanação e articulação. Escolhemos esse texto, pois, além de trabalhar os conceitos supracitados, também apresenta outro cenário no qual estão presentes vínculos transferenciais, mesmo que em outro contexto e manejados por outro tipo de figura: o líder. Como afirma Freud, o fenômeno da transferência não é exclusivo à psicanálise. Dessa forma, a partir dessa leitura, torna-se possível entrever a relação entre o indivíduo da massa e o líder e a maneira com a qual o último se vale do seu lugar de influência a partir de seus objetivos de dominação e de exercício de poder.

## **Palavras-chave**

**Sugestão:** Transferência; Sugestão; Ideal do Eu; Líder; Massa.



## Abstract

Telles, João Tonini Oliveira; Winograd, Monah (Advisor). **Transference and suggestibility: idealization and the place of the leader in the masses**. Rio de Janeiro, 2024. 91 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This research seeks to expose aspects and provide reflections regarding the formations of human masses and, more specifically, to think about the particularities of the place occupied by the leadership figure in this phenomenon. To do this, we will start with a detailed exposition of what became known as masses, groups or crowds. Next, we will return to the origins of what became known as psychotherapy, taking as a starting point the work carried out by Mesmer based on his magnetic therapy; Following this path, we will address the paths and subsequent studies of the hypnotic practices of the renowned Charcot and Bernheim, to then arrive at the formulation of the Freudian clinic itself. Another primary task for this work will be the articulation of metapsychological concepts fundamental to this discussion: suggestion, hypnosis and regression. Our aim with this guide is to better understand the phenomenon of transference: from its embryonic perception in the most varied treatments, through psychoanalytic technique until reaching its understanding based on the phenomenon of the masses. We use the 1921 Freudian work, “Mass Psychology and Analysis of the Self”, to better develop this explanation and articulation. We chose this text because, in addition to working on these concepts, it also presents another scenario in which transference bonds are present, even if in another context and handled by another type of figure: the leader. As Freud states, the phenomenon of transference is not exclusive to psychoanalysis, so, from this reading, it becomes possible to glimpse the relationship between the individual in the mass and the leader and the way in which he uses his place of influence, from its objectives of domination and exercise of power”.

## **Keywords**

Transfer; Ideal of the Self; leader; group; libido

## SUMÁRIO

1 Introdução	12
2 O fenômeno das massas	17
2.1 Grupos, massas e multidões	17
2.2 Psicologia das Multidões	18
2.3 Por uma Metapsicologia das Massas	23
2.3.1 O mito da horda primitiva	26
2.4 As Massas e suas características	31
3 Da Sugestão à Regressão: a Circulação da Libido	39
3.1 A sugestão e o Mesmerismo	39
3.2 A hipnose	43
3.2.1 A hipnose em Charcot e Bernheim	44
3.2.2 Freud e a Hipnose	48
3.3 A Regressão	52
3.4 Pulsão e Libido	57
4. A Transferência ao Líder	63
4.1 Uma breve genealogia do conceito de transferência	64
4.2 O líder e o Ideal do Eu	66
4.3 O manejo da transferência ao líder	72
5. Considerações Finais	82
6. Referências	86

# 1

## Introdução

O inferno não são os outros. Eles são o paraíso, porque um homem sozinho é apenas um animal. A humanidade começa nos que te rodeiam, e não exatamente em ti (Mãe, 2018).

O meu desejo de estudar as relações e vinculações entre indivíduos e, mais especificamente, aquelas que se desenvolvem dentro de uma formação grupal, a partir da sugestão e da transferência surgiu a partir não apenas de minha experiência no consultório, mas também de situações vividas de ordem social. Ao longo dos meus anos de trabalho em uma escola particular da zona sul do Rio de Janeiro, acompanhando turmas que tinham em média trinta crianças, com idade em torno dos sete anos, pude vivenciar e perceber comportamentos bastante interessantes e explícitos. Certos acontecimentos, geralmente de ordem violenta e motivada por um grupo, apareciam sem muita dificuldade justamente quando aquelas crianças se encontravam no ambiente escolar. Não era incomum que, quando relatados aos responsáveis, estes negassem ou ficassem absolutamente impressionados com o que seu filho ou filha havia feito. A discrepância de expectativas e comportamentos entre a criança em casa, com a família, e a criança na escola, em grupo, me fez pensar de maneira mais objetiva naquilo que foi e é vivenciado por mim em outros espaços, percebendo que os fenômenos ali observados não eram tão diferentes daqueles experimentados na vida adulta compartilhada.

A formação de grupos e multidões é um movimento intrínseco à história da própria humanidade e experimentada por todos que participam da espécie humana. Sua relevância e complexidade começaram a ser melhor investigadas e aprofundadas no final do século XIX, com as constituições de massas existentes na Europa – com destaque para o efeito da revolução francesa (1789-1799) – e sua influência cada vez mais fundamental na constituição social europeia. No Brasil, país no qual o futebol e o carnaval predominam, pensar o fenômeno de massas e seus vínculos parece ainda mais relevante. Não é necessário ter vivenciado a experiência de estar em um estádio ou bloco de rua para perceber o fenômeno de mistura que ali acontece e suas conseqüentes manifestações. Da mesma maneira, as

reivindicações populares de 2013, figuradas por um grupo mais ofensivo, denominado ‘Black block’, e o cenário político das últimas eleições presidenciais, de 2018 e 2022, marcado por uma polarização insolúvel, violenta e alienante, também nos reapresentam esta mesma problemática.

Em minha pesquisa, pretendo rever e estudar os principais pensadores que trabalharam com o tema das vinculações entre indivíduos, com objetivo principal investigar as formações de massas e multidões. Com isso, buscarei melhor compreender as relações dos indivíduos com a figura do líder, que comanda e orquestra uma determinada conjunção de pessoas, denominada por Freud (1921) de identificações verticais. Conforme descreve Le bon (1895), nas massas, os indivíduos suprimem interesses individuais em troca de interesses coletivos e modificam ou suspendem características particulares, estabelecendo um novo e temporário caráter. Devido a este fator, o movimento das massas é definido como majoritariamente inconsciente, uma vez que o rebaixamento dos recalques intensifica os afetos, colocando todos os que participam do grupo como iguais a partir da assunção de uma figura centralizadora. À vista disso, Gustave Le Bon, em seu trabalho *Psicologia das Multidões*, refere-se e denomina o estado do indivíduo em uma massa como hipnótico.

Além disso, em “*Psicologia das Massas e Análise do Eu*”, Freud (1921) compara a relação do hipnotizador com o hipnotizado a uma “formação de massas a dois” (Freud, 1921, p. 74). O psicanalista afirma, ainda nessa mesma passagem, que o processo hipnótico é “idêntico” a essa formação específica ao afirmar que “Da complicada textura da massa ela nos isola um elemento, a relação do indivíduo da massa com o líder” (Freud, 1921, p. 74).

Assim, bastante presente nas práticas terapêuticas do século XX –incluindo os primórdios da prática clínica criada por Sigmund Freud – a hipnose, nos servirá de base para estabelecermos uma reflexão sobre as relações existentes em uma massa. Nossa hipótese é a de que, por seu efeito radicalmente sugestivo, pode representar, ela mesma, uma espécie de corolário do vínculo estabelecido entre o líder e seus subordinados.

Como sabemos, a gênese da psicanálise enquanto terapêutica é referida a partir das modificações realizadas por Freud sobre o método catártico, inicialmente desenvolvido por Joseph Breuer. Uma das primeiras e principais mudanças empreendidas por Freud constituiu no abandono da hipnose e, conseqüentemente,

na suposta erradicação da sugestão como parte integrante do tratamento das neuroses (Roudinesco; Plon, 1998). Freud (1917) busca convencer seus ouvintes de que a terapia por ele fundada não operaria mais por sugestão direta, ou seja, não se trata de uma “a luta entre a sua autoridade e os motivos da doença” (p. 593). Isso porque, conforme afirma o psicanalista, embora a autoridade do clínico possa facilmente fazer o paciente corroborar uma teoria particular sobre seu sofrimento, isto apenas afetaria sua inteligência e não sua doença. Nesse sentido, “A solução de seus conflitos e a superação de suas resistências só tem êxito quando lhe transmitimos ideias antecipatórias que correspondem à sua realidade interior” (Freud, 1917, p. 599). Nesse momento de sua obra, Freud parece determinado em afastar e preterir a sugestão de sua clínica e de sua metapsicologia.

Todavia, também podemos constatar, na leitura e estudo da obra freudiana que, ao aprofundar a teorização sobre o fenômeno da transferência, o próprio psicanalista vai percebendo e constatando que a presença de características semelhantes ao processo sugestivo é inevitável (Roudinesco; Plon, 1998). Assim, mesmo que corresponda a uma forma diferente de instrumentalizar a sugestão ele nos ensina que:

podemos descrever da seguinte forma a diferença entre sugestão hipnótica e psicanalítica: a terapia hipnótica busca ocultar e dissimular algo na vida psíquica; a analítica procura liberar e remover algo. Aquela age como um cosmético; esta, como uma cirurgia. Aquela utiliza a sugestão para proibir sintomas; ela intensifica as repressões, mas deixa inalterados os processos que levaram à formação dos sintomas. A terapia analítica ataca mais próximo das raízes, onde estão os conflitos de que se originaram os sintomas, e se serve da sugestão para modificar o desfecho desses conflitos. A terapia hipnótica deixa os pacientes inativos e inalterados e, por isso mesmo, incapazes de resistir a novas ocasiões para o adoecimento. O tratamento analítico requer trabalho árduo do médico e do paciente, um trabalho dedicado à anulação das resistências internas (Freud, 1917, p. 596-597).

Tal distinção, entre o tratamento analítico e a terapia hipnótica, sempre preocupou Freud, o levando a, em determinados momentos de sua extensa obra, retornar ao tema da sugestão. Nesse sentido, em alguns textos visa demarcar a diferença entre os tratamentos sugestivos e a psicanálise, e em outros indicar sua preocupação em relação a esse diagnóstico. Isso porque, mesmo na técnica psicanalítica, se encontram marcas sugestivas na relação estabelecida entre os dois integrantes de uma análise. A tal relação, com todas as suas particularidades, Freud

deu o nome de transferência. A partir disso, esse conceito passa a constituir um dos pilares fundamentais da clínica psicanalítica.

Isso tudo posto, o presente trabalho propõe como seu primeiro objetivo específico a exposição do fenômeno que ficou conhecido como a formação de massas, ou multidões, para melhor entender suas principais características e especificidades. Em seguida, nosso segundo objetivo específico é proposto a partir de um retorno à pré-história das psicoterapias, visando alcançar uma melhor compreensão sobre as relações estabelecidas entre hipnose, sugestão e transferência e suas particularidades. Para isso, teremos o trabalho de Mesmer e seus discípulos como ponto de partida para essa investigação.

Além disso, nos referenciaremos a duas das três indicações do próprio Freud apresentadas em seu texto “Um estudo autobiográfico” (1925) que nos fornecem balizas para nos guiar nessa pesquisa. Assim, Freud (1925) o autor enuncia situações nas quais o fenômeno sugestivo, até então contido apenas na hipnose, chamou sua atenção: ao assistir uma exibição de Hansen, o grande magnetista; a realização dos estudos em La Salpetriere, com Charcot, em sua visita à Paris; e o uso terapêutico da sugestão pelos médicos que constituíram a Escola de Nancy, Liébault e Bernheim. Nesse trabalho, nos valeremos das duas últimas.

Ainda nesse sentido, em um esforço de contextualizar os diversos usos feitos da prática hipnótica, nos serviremos dos importantes escritos de Chertok, Stengers (1989) e Aguiar (2022). As obras destes autores serão nossas referências para apresentarmos como se chegou ao uso da hipnose nos procedimentos médicos, a partir das propostas dos grandes magnetizadores e, doravante, à sua utilização por Breuer e Freud.

Freud (1912) afirma que não é só no setting analítico que o fenômeno denominado por ele de transferência se faz presente, e é justamente nesse sentido, fora do setting terapêutico, que esse conceito nos interessa. Entendemos que, em um primeiro momento, apresentar a origem do conceito e sua implicação na clínica psicanalítica é de extrema importância. Além disso, com uma função comparativa, nos valeremos de certas características presentes na clínica para melhor compreender certas dimensões a respeito da formação das massas e multidões.

Portanto, esse trabalho se propõe a uma pesquisa conceitual psicanalítica acerca da formação de massas a partir, mas não apenas, da leitura dos textos freudianos. Para pensar esse fenômeno, nos valeremos também de outros autores

que o exploram mais diretamente, a partir de contextos sociais. Assim, recorreremos à obra de Le Bon, já citado, principal interlocutor de Freud em seu trabalho de 1921, Elias Canetti, Ricardo Goldenberg e Peter Sloterdijk. Com isso, buscaremos delinear como que, cada autorem seu tempo, percebeu em seus estudos sobre a formação das multidões e as relações presentes dentro delas, o caráter regressivo dos vínculos ali estabelecidos. Isso porque, Freud (1921), além de também perceber a característica regressiva, amplia as constatações que esses autores haviam estabelecido. Sua originalidade está em afirmar que o que une aquelas pessoas que constituem uma massa, naquela circunstância específica, é o amor, isto é, vínculos libidinais. A partir dessas constatações, também propomos como parte fundamental desse trabalho um segundo objetivo específico: um estudo genealógico dos conceitos de regressão e libido para que possamos embasar a discussão proposta acima.

A leitura freudiana do fenômeno das massas não só reafirma, como dá destaque fundamental para o caráter regressivo presente nas práticas hipnóticas, na relação transferencial analítica e na formação de massas. Porém, sua abordagem não escapa à conceituação intrapsíquica. Para pensar e ampliar essa discussão, será bastante importante a leitura de outros autores que pensaram e estudaram esses fenômenos a partir não apenas de seu caráter individual, mas também em seu caráter relacional. Para isso, incluiremos alguns referenciais de Donald Winnicott e Sándor Ferenczi, ambos autores interessados nos fenômenos regressivos da transferência a partir das relações ambientais e terapêuticas daquele sujeito.

Por fim, a dissertação se conclui indicando as formas com as quais o líder, essa figura central na formação de uma massa de indivíduos, consegue ocupar e consequentemente se valer de seu lugar de destaque para manejar e manipular seu posto de poder e influência dentro do grupo. Em “Psicologia das massas e análise do Eu” Freud (1921) afirma que o líder, o hipnotizador e o analista ocupam o lugar de ideal do eu, lugar esse no qual circula inevitavelmente, de maneira mais ou menos latente, com maior ou menor intensidade, a sugestionabilidade. Uma vez apontado nosso percurso, vamos à nossa discussão.



## **2**

### **O fenômeno das massas**

Nesse capítulo, pretendo fazer uma exposição sobre o fenômeno das massas psicológicas. Buscarei dar especial enfoque à exposição dos processos subjetivos que ocorrem no psiquismo de cada indivíduo, uma vez estabelecido o vínculo peculiar à constituição desse fenômeno, dando ênfase à relação do líder com os indivíduos pertencentes à massa.

Nosso percurso partirá das ideias de Gustave Le Bon, referência primeira para o trabalho freudiano de 1921, passando pela própria articulação que Freud faz desse mesmo objeto a partir de sua metapsicologia, chegando aos autores pós-freudianos. Com isso, pretendo me servir desses estudos sociais para pensar os vínculos que ali se estabelecem de forma momentânea e absolutamente específica. Porém, antes de adentrarmos na discussão, precisaremos melhor definir o que queremos dizer com as noções de massa, grupo e multidão.

#### **2.1**

##### **Grupos, massas e multidões**

Em seu trabalho *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, Freud (1921) denuncia uma confusão conceitual que identifica como o fenômeno caracterizado a partir de uma conjunção de indivíduos humanos. Segundo o psicanalista ele, essas múltiplas e contraditórias definições acabaram por gerar pouca firmeza na construção de um estudo preciso desse conhecimento. Por conta disso, ele afirma que “provavelmente foram reunidas, sob a denominação de ‘massas’, formações muito diversas, que requerem diferenciação” (Freud, 1921, p.33). Porém, nesse mesmo trabalho, Freud até prioriza a denominação ‘massa’, mas acaba usando de maneira sinônima o termo ‘grupo’ para se referir a um conjunto de indivíduos que estão reunidos e constituem certas características ou intenções comuns.

Nesse ponto de sua obra, Freud tem como principal intenção é a de explicar e contextualizar o que seria então uma ‘massa psicológica’ a partir de sua leitura

específica. Ele defende a ideia de que uma reunião de pessoas não é suficiente para ser designada como uma massa, mas entende que qualquer grupamento é um facilitador da tendência para essa formação, como é pensada por ele especificamente. O que transforma esse número de pessoas reunidas em uma massa são determinadas características que serão expostas adiante no presente capítulo no início desse trabalho, nesse capítulo mesmo. Em seu célebre trabalho de 1921, Freud afirma que

(...) podem-se distinguir espécies bem diferentes de massas e direções opostas na sua formação. Existem massas bastante passageiras e outras bem duradouras; massas homogêneas, que se compõe de indivíduos do mesmo tipo, e não homogêneas; naturais e artificiais, isto é, que requerem também uma coação externa para se manter; massas primitivas e diferenciadas, altamente organizadas (Freud, 1921, p. 46).

Na tentativa de um recorte mais específico de seu objeto de estudo, Freud propõe, então, um estudo sobre as massas “organizadas, duradouras e artificiais”, mais especificamente as massas pela existência ou não de um líder (Freud, 1921). Será esse o caminho percorrido por Freud que nos guiará nesse presente trabalho. Doravante, quando utilizarmos os termos ‘massa’, ‘grupo’ ou ‘multidão’, estaremos nos referindo às formações derivadas de conjunções humanas que apresentam determinadas características a partir de uma organização que tem o líder como centro.

Reconhecemos a complexidade da diferenciação desses fenômenos, tendo em vista os atravessamentos de adjetivações por parte dos autores que se propuseram a estudar a massa em si. Por isso, decidimos, assim como Freud, utilizar de forma sinônima as palavras que cercam o fenômeno que intitula esse presente trabalho. Nosso objetivo não será produzir uma melhor nomenclatura para cada variante, mas sim aprofundar os estudos das massas a partir do recorte freudiano já realizado, trazendo outros autores para o diálogo.

## 2.2

### Psicologia das Multidões

Em “Psicologia das massas e análise do eu”, Sigmund Freud (1921) dá voz ao trabalho de Gustave Le Bon, um polímata francês. Além de médico, Le Bon

debruçou-se sobre as áreas da antropologia, da psicologia e da sociologia, produzindo um importante e extenso trabalho de reflexões acerca da psicologia das massas.

Le Bon (1895) intitula o primeiro capítulo de seu reconhecido livro “Psicologia das multidões” de “A era das multidões”. Nele, o autor define a Idade Moderna como um momento crítico, um período de mudanças paradigmáticas fundamentais e de intensa ruptura. Justifica esse momento a partir de dois fatores fundamentais: a destruição das crenças religiosas, políticas e sociais e a criação de condições de vida e pensamento inovadoras derivadas dos avanços científicos e industriais. Além disso, aponta para a chegada das classes populares à vida política e sua progressiva transformação em classes sindicais como o principal corolário desta “época de transição”, diante da qual as sociedades precisarão incluir em sua organização um novo poder, agora designado às multidões (Le Bon, 1895).

Enquanto nossas antigas crenças cambaleiam e desaparecem, enquanto as velhas colunas das sociedades desabam sucessivamente, a ação das multidões é a única força que nada ameaça e cujo prestígio sempre aumenta. A idade em que entramos será verdadeiramente a *era das multidões* (Le Bon, 1895, p. 20).

Todavia, não é toda e qualquer aglomeração que despertará o interesse de Le Bon. Para ele, existem algumas condições determinantes para que um agrupamento adquira características relevantes e se produza novos saberes. A palavra multidão teria, a partir de sua definição de verbete, o significado de união de indivíduos, sem qualquer seleção. Porém, ele argumenta que, em sua concepção:

Do ponto de vista psicológico, a expressão multidão adquire um significado totalmente diverso. Em certas circunstâncias específicas, e somente nessas circunstâncias, uma aglomeração de homens possui características novas muito diferentes daquelas de cada indivíduo que a compõe. A personalidade consciente desaparece, os sentimentos e as idéias de todas as unidades orientam-se numa mesma direção. Forma-se uma alma coletiva, sem dúvida transitória, mas que apresenta características muito nítidas. A coletividade torna-se então o que, na falta de uma expressão melhor, eu chamaria uma multidão organizada ou, se preferimos, uma multidão psicológica. Ela forma um único ser e encontra-se submetida à lei da unidade mental das multidões (Le Bon, 1895, p. 29).

Nesse sentido, o autor ainda afirma que indivíduos separados geograficamente podem, a partir de uma afetação devido a um acontecimento

importante em comum, por exemplo, constituir uma multidão psicológica. Assim como um número ínfimo de pessoas pode compor uma multidão psicológica, milhares de indivíduos reunidos podem não formar tal fenômeno. Dessa forma, a formação da multidão como tal depende de que esta ganhe certos traços temporários que a definem. Além disso, cada multidão também adquire características específicas, a partir dos motivos, condições e narrativas que basearam seu surgimento. Assim, Le Bon se propõe a analisar primeiro as características gerais, comuns a todas elas, para que assim pudesse melhor compreendê-las.

Da mesma maneira, neste presente trabalho, esta será a primeira investigação que nos interessará fundamentalmente. Além disso, Le Bon não procura descrever as etapas que formam uma multidão, e sim suas características depois de já estabelecida. Tais características, absolutamente novas e específicas, mediante a formação da multidão, colocam em cena todos os sentimentos e pensamentos do coletivo convergindo para a mesma direção. Assim, manifesta-se o que o autor chamou de *lei psicológica da unidade mental das multidões* (Le Bon, 1895).

Quaisquer que sejam os indivíduos que a compõem, por mais semelhantes ou dessemelhantes que possam ser seu tipo de vida, suas ocupações, seu caráter ou sua inteligência, o mero fato de se haverem transformado em multidão dota-os de uma espécie de alma coletiva. Essa alma os faz sentir, pensar e agir de modo completamente diferente daquele como sentiria, pensaria e agiria cada um deles isoladamente. Algumas ideias, alguns sentimentos só surgem ou se transformam em atos nos indivíduos em multidão. A multidão psicológica é um ser provisório, composto de elementos heterogêneos por um instante amalgamados, exatamente como as células de um corpo vivo formam por meio de sua reunião um novo ser que apresenta características muito diferentes daquelas que cada uma das células possui (Le Bon, 1895, p.32).

Para embasar o que afirmou, Le Bon se apoia na ideia da vida inconsciente. Assim como Freud vai confirmar pouco depois a partir de sua observação clínica e de sua própria conceituação teórica, para o francês, aquilo que chamamos de consciência representa apenas uma pequena parte quando equiparada com a nossa porção inconsciente, sendo esta consideravelmente mais relevante para o funcionamento psíquico de cada indivíduo. Porém, diferentemente do inconsciente pensado por Freud, Le Bon inclui a característica da homogenia para a inconsciência, isto é, a ideia de que o substrato inconsciente determina os resíduos ancestrais que formam a alma da raça, enquanto a consciência produziria a

heterogenia entre os indivíduos (Le Bon, 1895). Nesse sentido, afirma que “É sobretudo pelos elementos inconscientes que compõe a alma de uma raça que todos os indivíduos dessa raça se parecem. É pelos elementos conscientes, frutos da educação, mas sobretudo de uma hereditariedade excepcional, que diferem” (Le Bon, 1985, p.33).

Dito isso, o autor tenta descrever as características que definem uma multidão, sendo elas; i) o sentimento de potência e invencibilidade gerado a partir do número de pessoas que se conjuntam, colocando os indivíduos presentes em anonimato e, conseqüentemente em irresponsabilidade, possibilitando a realização de pulsões que em outras circunstâncias seriam reprimidas; ii) o aspecto contagioso de uma multidão, tanto em aspectos subjetivos como pragmáticos, fazendo com que o indivíduo sacrifique seus interesses pessoais em prol do coletivo; iii) o conceito de sugestibilidade. Com isso, baseado na fisiologia de sua época, Le Bon afirma que um indivíduo, fora de seu estado de consciência, pode ser submetido a uma ordenação que pode levar o sujeito aos atos mais incongruentes em relação à sua vida mental consciente, ao seu caráter. Le Bon se vale da comparação do indivíduo em massa, à “fascinação do hipnotizado nas mãos de seu hipnotizador” (Le Bon, 1985).

Esse é aproximadamente o estado do indivíduo que faz parte de uma multidão. Ele já não tem consciência de seus atos. Nele, como no hipnotizado, enquanto certas faculdades são destruídas, outras podem ser levadas a um grau de extrema exaltação. A Influência de uma sugestão o lançará com irresistível impetuosidade para a realização de certos atos. Impetuosidade ainda mais irresistível nas multidões do que no sujeito hipnotizado, pois a sugestão, sendo a mesma para todos os indivíduos, aumenta ao se tornar recíproca. As unidades de uma multidão que poderiam possuir uma personalidade bastante forte para resistir à sugestão são em número muito pequeno e a corrente as arrasta. (Le Bon, 1985, p. 36).

A consequência das características supracitadas, segundo o autor, é que a multidão é sempre intelectualmente inferior ao indivíduo sozinho. Assim, a multidão está sempre sujeita aos atos mais violentos e disruptivos, afinal, a suspensão das repressões acaba por rebaixar a escala de civilidade dos integrantes, aproximando-os ao estado de barbárie.

Nesse sentido, é importante ressaltar que, como nos aponta Moscovici (1981), Le Bon, apesar de todas as críticas negativas, transpôs o fenômeno das massas que até então correspondia a uma perspectiva criminal, buscando, nesse

determinante fenômeno, explicações psicológicas, tentando compreender as desordens provocadas pelas multidões. Assim, diferentemente do que defendiam outros teóricos de sua geração, para Le Bon não havia nada de demente ou patológico nas multidões. Segundo sua teoria, as multidões eram constituídas por indivíduos que, quando reunidos, apresentavam uma “vida mental característica, tornando-se uma realidade autônoma organizada coletivamente, como uma alma coletiva” (Le Bon, 1985, p. 25).

Outra extensa e relevante obra no campo da psicologia social é a do psicólogo inglês McDougall. Suas ideias, em um primeiro momento, não se distanciam daquilo teorizado anteriormente. Em confluência com Le Bon, corrobora com o sentido de dar aos grupos descrições que se aproximam de impulsividade, da violência, das decisões irresponsáveis, com pouco senso de responsabilidade, aproximando seu comportamento “[...] ao de uma criança indisciplinada ou de um selvagem passional e desassistido numa situação estranha [...] e, nos piores casos, ser mais semelhante ao de um animal selvagem que ao de seres humanos” (McDougall, 1920 *apud* Freud, 1921, p. 96).

Em consonância com o que apresenta Freud (1921), para McDougall, o que une e traciona os indivíduos isolados na direção de uma multidão é o que ele chamou de *princípio de indução direta da emoção por meio da resposta simpática primitiva* (Freud, 1921, p.25). Vale destacar que este princípio se articula em absoluto com a noção de contágio e sugestionabilidade exposta por Le Bon e defendida por Freud.

É fato que os sinais percebidos de um estado afetivo são apropriados para despertar automaticamente o mesmo afeto naquele que percebe. Esta coação automática torna-se tanto mais forte quanto maior for o número de pessoas em que pode ser notado simultaneamente o mesmo afeto. Então a crítica do indivíduo silencia e ele se deixa levar por esse afeto. Mas nisso ele aumenta a excitação dos outros que agiram sobre ele, e assim a carga afetiva dos indivíduos se eleva por indução recíproca. Inconfundivelmente, é algo como uma coerção que aí atua, obrigando a fazer como os outros, a permanecer de acordo com a maioria (Freud, 1921, p.39).

McDougall também tem um olhar bastante crítico em relação às qualidades subjetivas individuais dentro das massas, porém, ele faz uma interessante separação entre as multidões. Descreve que essas formações podem ser um grupo não organizado (crowd) –que corresponderia ao que foi descrito acima e com as

considerações generalizadas de Le Bon sobre a massa –ou podem configurar um grupo de organização complexa (group), que se constituiria enquanto multidão, mas teria a elevação da consciência como característica (McDougall, 1920). Essa segunda forma de organização se daria, segundo McDougall, a partir de cinco características fundamentais; i) existência continuada do grupo a partir de tarefas, cargos ou posições fixas para cada membro; ii) desenvolvimento e estreitamento dos laços emocionais no grupo; iii) interação do grupo com outros grupos que divirjam de suas ideias e ideais; iv) estabelecimento de atos que se encarnem em costumes e tradições de forma determinante para as relações dos membros; v) construção de uma estrutura e funcionamento bem definidos. (McDougall, 1920). Com isso, para o inglês, um grupo estabelecido a partir dessas cinco condições não apresenta as “desvantagens psicológicas” esperadas nas formações do fenômeno das massas.

Assim, podemos concluir que se analisada em termos objetivos - correspondentes às suas ações, e subjetivos - referentes aos afetos gerados entre os indivíduos pertencentes ao grupo, uma multidão pode ser construtiva ou destrutiva, dependendo necessariamente da qualidade da *sugestão* que direciona esse conjunto.

## 2.3

### Por uma Metapsicologia das Massas

Todos juntos e um só obedecem à mesma lógica. Onde duas psicologias: a de um sujeito de muitas cabeças e a de outro de uma só, regidas pelas mesmas leis e idênticos em mecanismos. (Goldenberg, 2014, p. 38).

Freud é categórico ao defender que “desde o começo, a psicologia individual (...) é, ao mesmo tempo, também psicologia social” (Freud, 1921, p. 91). Essa afirmação rompeu com as teorias produzidas anteriormente e em sua própria época, que não enxergavam a ligação entre o psiquismo individual e o coletivo. Freud argumenta, a partir de sua constatação clínica, a importância da alteridade na constituição subjetiva de cada um ao longo de seus anos inaugurais. Dessa maneira, pode-se afirmar que o texto “Psicologia das massas e análise do Eu”, apresentou uma visão interdependente dos processos sociais e individuais, defendendo a ideia

de que o outro funciona para todos nós “como modelo, objeto, auxiliar ou oponente” (Freud, 1921, p. 91).

Se a psicologia que procura as disposições, os impulsos, os motivos, as intenções do indivíduo nas suas ações e nas relações com os mais próximos tivesse cumprido cabalmente a sua tarefa e tornado transparentes todos esses nexos, depararia subitamente com um problema novo, não resolvido. Teria de explicar o fato surpreendente de que esse indivíduo, que se tornara compreensível para ela, em determinada condição pensa, sente e age de modo completamente distinto do esperado, e esta condição é seu alinhamento numa multidão que adquiriu a característica de uma “massa psicológica” (Freud, 1921, p.17).

Freud conheceu profundamente o trabalho sociológico de Le Bon, mas, como ele mesmo apresenta em 1921, o francês não contribui com informações novas, a não ser pela introdução da noção de inconsciente na formação das multidões associada a um estado mais primitivo e menos civilizatório dos integrantes quando em grupo. Afinal, não foi por acaso que as ideias explanadas por Le Bon convocaram Freud para produzir um de seus trabalhos mais significativos. Ambos conversam partindo de uma mesma ideia, mesmo que com saberes e proposições diferentes. Vale salientar, ainda, que Freud não faz uma distinção em seu trabalho de 1921 entre massa, coletivo, social e multidão.

Como afirma Freud (1921), a descrição construída por Le Bon é embebida de considerável desaprovação em relação ao fenômeno da formação da multidão, deixando explícito o olhar crítico em relação às mudanças subjetivas ocorridas no indivíduo quando pertencente a uma massa. Freud reconhece a afirmação de que tais mudanças caminham no sentido de uma permissividade ou um afrouxamento daquelas repressões que o impediriam de realizar seus impulsos sexuais ou agressivos mais primitivos. No entanto, pondera na caracterização da qualidade das multidões, entendendo que nem todas as formações grupais dessa ordem caminham no sentido da selvageria e da violência. Defende, nesse momento, alinhado às ideias apresentadas por McDougall, que a massa também pode ganhar formas mais elevadas de subjetividade. Ele afirma:

No tocante à realização intelectual, continua verdadeiro que as grandes decisões do trabalho do pensamento, as descobertas e soluções de enorme consequência, são possíveis apenas para o indivíduo que trabalha na solidão. Mas também a alma coletiva é capaz de geniais criações do espírito, como a própria língua demonstra, acima de tudo, e também o canto popular, o folclore etc (Freud, 1921, p. 33).



Além das contribuições oferecidas por Le Bon, Freud também se utiliza das reflexões expostas por McDougall no que diz respeito aos afetos que articulam os indivíduos em uma formação de massa. Nesse sentido, McDougall (1920) destaca o afeto como o aspecto mais importante dentro de um grupo; como veremos, essa afirmação nos será valiosa para acompanhar as ideias freudianas a respeito da formação de uma massa, as quais discutiremos mais detidamente no terceiro capítulo.

Freud (1921) também desconstrói a noção apresentada pelo francês de que os indivíduos agem de maneira diferente na massa por *contágio*. Em vez disso, ele afirma que não encontra fundamentos que expliquem o processo e a natureza da sugestão, colocando esse fenômeno como uma explicação insuficiente para justificar o que ocorre em uma massa psicológica. Partindo dessa lacuna, ele argumenta que, nas massas, o que une aquelas pessoas pertencentes ao grupo são ligações libidinais, situando os vínculos a partir da noção de amor no seu sentido metapsicológico. Assim, a ideia apriorística leboniana de *sugestão* foi modificada a partir da noção de *libido*, conceito de muito valor na teoria freudiana. Nesse sentido, Freud (1921) afirma que “sugestão não está baseada na percepção ou no raciocínio, mas em um vínculo erótico” (1921, p. 161).

Assim, pode-se afirmar que o ponto central do trabalho freudiano de 1921 baseia-se na afirmativa de que o funcionamento de uma massa está centrado nos vínculos libidinais estabelecidos entre seus membros. Desse modo, a tese de Freud implica que a coesão da massa é mantida pela intensidade agregadora de Eros. Isso leva o sujeito a abandonar sua própria individualidade e suas demandas pulsionais idiossincráticas para unir-se aos demais membros da massa, homogeneizando-se ao ponto de suprimir as iniciativas individuais em prol da reunião grupal, formando, assim, um “indivíduo grupal” (Freud, 1921, p. 149).

Isto posto, para Freud (1921), a relação entre os membros de uma massa seria descrita a partir do conceito de identificação, sendo este fundamental para a compreensão da formação de uma massa e do estabelecimento dos vínculos libidinais dentro dela. Além disso, este conceito tem papel central na articulação freudiana entre psicologia social e individual, uma vez que, como aponta Freud, é pela identificação que os seres humanos se constituem. Nesse sentido, ele afirma que a identificação é “a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a uma outra pessoa” (Freud, 1921, p. 60).

Embora a noção de identificação já tivesse sido encontrada anteriormente, em cartas trocadas com Fliess enquanto pensavam a respeito dos sintomas histéricos (Laplanche; Pontalis, 1983, p. 295), foi somente em 1921 que Freud se debruçou para melhor entendê-la. Dessa maneira, Freud (1921) parte da ideia de que o processo identificatório está implicado na formação do próprio Eu a partir de um modelo elegido. Com isso, o autor propõe três formas fundamentais de identificação. i) Partindo da identificação primordial, que ocorre durante o período vinculado ao complexo de Édipo, no qual a criança alterna seus investimentos em relação ao par que a cuida; ora narcísico, ora direcionado aos objetos, ii) a partir da substituição de um investimento objetal pela introjeção do próprio objeto no Eu. iii) Além disso, a identificação pode se efetuar quando se detecta elementos em comum, como ideias ou afetos, em uma pessoa antes desconhecida e desvinculada libidinalmente. Diante do exposto, nos deteremos com mais atenção a essas formas de identificação no quarto capítulo desse trabalho.

Vale ressaltar que no escrito de 1921, Freud dá especial enfoque ao último tipo de identificação descrito acima – aquela baseada na percepção de algo em comum entre os integrantes – o que se mostra relevante, já que na massa, os indivíduos desenvolvem entre si um sentimento de fraternidade movido pelos afetos comuns a todos. Além disso, nesse momento, Freud introduz a figura do líder que, segundo o autor, seria esse ponto em comum a todos os indivíduos. Porém, antes de adentrarmos essa discussão, é necessário que tenhamos outro importante trabalho freudiano em mente.

### **2.3.1**

#### **O mito da horda primitiva**

Totem e Tabu (Freud, 1913), escrito nove anos antes de Psicologia das Massas e Análise do Eu, aponta para a compreensão hipotética do autor sobre a formação da primeira organização grupal entre humanos. Nesta obra, Freud reuniu o que havia de material sobre a teoria dos povos e teorias sociais para tentar explicar como a humanidade passa de uma vivência individualista, violenta e desregrada para o estado de vida social.

Além disso, Freud escreve a partir de um motivo clínico, ele percebia entre seus pacientes adultos um recorrente traço infantil relacionado a uma hostilidade que os meninos desenvolvem em relação à figura paterna. Tais desejos, relacionados ao afastamento e até mesmo endereçamento de violência ao pai, se colocam como obstáculo ao desenvolvimento do laço amoroso da criança com sua mãe, estabelecendo um conflito familiar denominado por Freud como complexo de Édipo. Freud pensa esse movimento edípico articulado a três fantasias fundamentais da criança, que insistem em aparecer em seu consultório: a *fantasia de sedução*, a *fantasia da cena primária* e a *fantasia de castração*.

Para melhor entender esses fenômenos, Freud inicia sua obra de 1913 com uma característica em comum percebida e documentada a respeito de povos originários e civilizações antigas: o horror ao incesto. Sua observação o leva a inferir que, por mais que as sociedades e grupos humanos sejam absolutamente vastos e diferentes entre si, é possível perceber um ponto em comum às organizações sociais originárias, mesmo que absolutamente isoladas: algum tipo de proibição quanto à prática sexual ou relações matrimoniais entre pessoas de mesma família, ou mesmo clã. Essa experiência também está presente no mito de Sófocles, Édipo Rei, que, como já sabemos, também é de grande valia para Freud.

O psicanalista, então, desenvolve essa ideia trazendo uma prática encontrada nas tribos canibais polinésias e melanésias que se baseava fundamentalmente em interdições e estabelecimentos de tabus. Nestas tribos, o tabu institui aquilo que não pode ser tocado, comido ou feito, tornando o que fora interditado sagrado. O que chama a atenção do autor é que, em datas específicas, comemorativas, esses objetos são profanados, venerados em rituais ou até mesmo devorados. Freud articula essa característica ao fenômeno clínico da ambivalência, isso é, o objeto pelo qual despendemos respeito e admiração pode, por vezes, ser absolutamente desrespeitado, atacado e não querido.

Com isso, ao final de Totem e Tabu, Freud (1913) constrói um mito em uma tentativa de elucidar a primeira forma de agrupamento de homínídeos. No ponto em que Freud havia chegado e para concluir seu propósito, não era possível outra ferramenta para se utilizar senão a construção de um “mito científico” de investigação das origens. Uma formulação bastante corajosa em uma área do saber que se submete à produção científica, mas é justamente a sua qualidade de mito que irá possibilitar que esse trabalho ganhe sua forma estruturada e bem-acabada. Dessa

maneira, o mito moderno de totem e tabu foi forjado para pensar o contemporâneo: uma hipótese sobre o início da vida em sociedade.

Tal narrativa descreve que os humanos se agrupavam em hordas comandadas por primatas mais fortes que impunham seu poder de forma violenta aos seus subordinados. Um deles, o mais forte, submetia os outros homens às suas leis arbitrárias ou, em consequência da desobediência, os expulsavam da horda. Além disso, o mais forte detinha para si o acesso exclusivo às mulheres. Em dado momento, um desses homens submetidos – geralmente pertencente da prole desse primata - se rebelava contra ele, matando-o. Com esse feito, o assassino tornava-se, então, o novo líder, herdando seus direitos e privilégios absolutos. Porém, como esse posto seguia sendo desejado e ansiado por todos os outros homens, essa nova figura centralizadora era rápida e novamente assassinada, dando lugar a um novo líder, que logo menos também seria alvo. Esse ciclo violento e infundável encontra uma possibilidade de fim a partir de um pacto primordial. Os homens que não ocupavam o lugar onipotente se reúnem, matam seu genitor e, ao invés de um deles ocupar novamente esse lugar de poder absoluto, instituem em seu lugar um representante simbólico: um totem. O totem poderia assumir a forma de um animal, uma planta ou um lugar que se torna sagrado por representar aquela figura deposta. Esse ato conjunto configuraria um parricídio fundamental para a sociedade.

O pai primevo havia impedido a seus filhos a satisfação de suas aspirações sexuais diretas. Os compelia à completa abstinência e, por conseguinte, os impedia de estabelecer entre eles ligações afetivas que podiam brotar das aspirações de meta sexual inibida. Os compeliu, por assim dizer, à psicologia das massas (Freud, 1913, p. 118).

Uma vez que esse pai é morto por seus próprios filhos, os incômodos e constrangimentos dele derivado se suspendem e os herdeiros se juntam e se formam enquanto grupo horizontal e homogêneo. Contudo, uma questão evidente se colocou: com a figura paterna onipotente findada, haverá quem se arrisque em ocupar novamente essa posição? Justamente para interromper definitivamente essa estrutura é que eles irão estabelecer novas normas: as fêmeas desejadas não serão exclusivas de mais ninguém. Institui-se, então, a *exogamia* – a necessidade de se fazer laços sexuais ou matrimoniais com indivíduos pouco relacionados geneticamente – instituindo, em consequência disso, o tabu do incesto.

Era perigoso o prazer que a figura onipotente estabelecia: instaurava o ódio, a inveja e o desejo de morte daqueles que não podiam usufruir da mesma forma. Nesse sentido, era preciso que se interditasse tal possibilidade de gozo e que o lugar que ocupava permanecesse vazio. A quebra de tal proibição implicaria em um retorno à barbárie, enquanto que significaria um retorno da conjuntura da horda, pois, ao romper com o pacto e quebrar o tabu, o “usurpador” invalidaria o contrato estabelecido entre os irmãos, dando ensejo à possibilidade de “matar e ser morto”. Com isso, todos os homens interditaram-se em relação a outras mulheres, restringindo as possibilidades de relações sexuais, instaurando na sociedade uma castração simbólica comum. Nesse novo formato, constituem-se as regras sociais inaugurais, nas quais há relações entre homens e mulheres para além da reprodução e de práticas sexuais, construindo graus de proximidade e parentesco entre si.

A precondição para que essa nova organização se sustentasse era a eternização desse pai por meio de rituais que o presentificassem na sua ausência em vida (Freud, 1930), lembrando aos demais do desconfortável e horroroso passado, mas também venerando e cultuando a figura deposta. Nesses rituais, o animal totêmico, representante do pai morto, é ingerido e cultuado, permitindo que seus filhos parricidas se identifiquem com ele simbolicamente, substituindo o desejo de ocupar novamente seu ansiado posto de poder supremo.

Le Bon já havia exposto a existência do líder em um grupo e sua importância, mas pensou esse valioso lugar a partir das noções de sugestão mútua entre os indivíduos e o prestígio que essa figura detém (Le Bon, 1841). O prestígio é pensado pelo autor de duas formas: o *prestígio adquirido*, como sendo aquele que vem com heranças e sobrenomes importantes, e o *prestígio pessoal*, ao qual o autor atribui maior relevância por ser potencialmente mais contagioso; um prestígio conquistado a partir de uma história de vida instigante, que se presentifica constantemente nos discursos sobre seus feitos. Assim, para que consiga a influência desejada e o direcionamento eficaz de uma multidão, Le Bon descreve três formas de agir de um líder: a afirmação, a repetição e o contágio.

Trata-se, segundo Le Bon, de uma afirmação enérgica, simples, segura, potente e, principalmente, convincente. Para que se faça dessa forma, para que cumpra a tarefa de convencimento concreto, essa afirmação está associada a uma repetição. Assim, a informação que se é afirmada inúmeras vezes consegue penetrar nos pensamentos, de maneira inconsciente, fazendo com que os indivíduos se

esqueçam até mesmo de onde provém determinada ideia, naturalizando em seu cotidiano, como um pensamento já enraizado. Dessa forma, a afirmação repetida torna-se contagiante, disseminando não só pensamentos, comportamentos e construindo verdades absolutas, mas também sentimentos e crenças. O contágio, ao qual nos apresenta Le Bon (1885), produz um outro fenômeno, fundamental para essa formação; o fenômeno da imitação. Os indivíduos passam a assemelhar-se entre si, tanto visualmente como subjetivamente, tendo como referência o líder. Portanto, essas três etapas - a afirmação, a repetição e o contágio - são as etapas, segundo Le Bon, pelas quais é construída e direcionada uma ideia capaz de influenciar multidões. Uma ideia que se torna fascinante (Le Bon, 1885) e possibilita a dominação de uns sobre os outros.

Nos grupos humanos, o líder possui um papel considerável. Sua vontade é o núcleo em torno do qual se formam e se identificam opiniões. A massa é um rebanho que não poderia prescindir de um mestre. (Le Bon, 1885, p.111).

Le Bon (1895) destaca que a incapacidade das massas para raciocinar, privadas de todo espírito crítico, explicando a facilidade com que certas ideias se generalizam no grupo através da sugestão e contágio. Por isso, segundo o francês, a massa precisa de um líder, que exerce o papel de orquestrar as decisões, atitudes e ações dos indivíduos no grupo. É por meio de uma ideia ou imagem apoiada pelo líder que a massa se une e se identifica. Como Le Bon destaca, a figura do líder é fundamental para a formação e controle das massas, sendo sua vontade, o núcleo em torno do qual se formam e se identificam opiniões e decisões. Sem um líder, a massa não se formaria e não teria orientação. Dessa maneira, o autor afirma que o papel do líder na massa é desempenhar a função de orquestrar as decisões, atitudes e ações dos indivíduos, tornando-se o núcleo em torno do qual se formam e se identificam opiniões.

Sabemos o que significa quando uma pessoa encontra-se sentada num plano mais elevado, tendo todas as demais em pé a circundá-la. Ou quando está em pé, e as demais sentadas ao seu redor; quando alguém aparece de súbito, e as pessoas reunidas levantam-se; quando alguém se ajoelha diante de outra pessoa (Canetti, 1960, p.486).

Freud, por sua vez, apresentará outra perspectiva do lugar ocupado pelo líder, desenvolvida a partir de sua metapsicologia. Porém, seguiremos essa discussão acerca do papel e lugar do líder na massa um pouco mais à frente, no

quarto capítulo, quando já tivermos incluído a noção de transferência, conceito fundamental para empreender as reflexões pertinentes ao presente trabalho. Por agora, vamos escapar das referências psicológicas e nos valer das contribuições de outro autor que muito se dedicou a pensar e refletir sobre esse fenômeno grupal.

## 2.4

### As Massas e suas características

Elias Canetti foi um romancista e ensaísta búlgaro, graduado em química, nascido no ano de 1905, detentor de uma extensa obra literária. Dentro de sua vasta produção, “Massa e Poder” (1960) foi considerado por ele seu trabalho mais importante. Produzido ao longo de trinta e cinco anos, Canetti conta em sua biografia que um dos disparadores para a escritura dessa obra foi seu contato, em 1925, com o trabalho freudiano *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. Em sua primeira leitura, Canetti não concordou com as ideias apresentadas pelo autor, afirmando que suas primeiras opiniões “foram bastante desajeitadas e aproximadas. Apenas testemunharam minha insatisfação com o que li, minha resistência em aceitá-lo e minha firme decisão de não me deixar persuadir ou enganar por aquele texto” (Canetti, 1921-31, p. 178).

Porém, o principal disparador para sua importante produção foi um acontecimento, poucos anos depois da publicação do texto freudiano, em 1927, quando Canetti tinha dezessete anos. No dia 15 de julho, um jornal importante de Viena, onde vivia, dizia “*Uma sentença justa*”, referindo-se à absolvição dos autores de alguns tiroteios que acabaram por matar alguns operários. A manchete, mais do que a própria absolvição, foi o estopim para que a população vienense se revoltasse e marchasse para o Palácio da Justiça de forma absolutamente espontânea (Canetti, 1921-31).

O operariado, que costumava ser disciplinado, que tinha confiança em seus líderes social-democratas, e convencido de que a municipalidade de Viena era por eles administrada de forma exemplar, nesse dia agiu sem seus líderes (Canetti, 1921-31, p. 245).

Elias Canetti juntou-se ao grupo de trabalhadores e à manifestação que acabou por incendiar o Palácio, gerando uma ostensiva repressão policial que matou noventa pessoas. Canetti conta em sua biografia que a imagem e a sensação da multidão se mantiveram vívidas em suas memórias:

Isso foi há cinquenta e três anos, e ainda hoje sinto nos ossos a excitação daquele dia. Foi o mais próximo de uma revolução que experimentei pessoalmente. Desde então sei perfeitamente, sem precisar ter lido uma linha a respeito, como ocorreu o assalto à Bastilha. Tornei-me parte da massa, dissolvi-me completamente nela, sem sentir a mais leve resistência àquilo que ela empreendia. Admiro-me que, naquelas condições, eu tivesse a capacidade de apreender todas as cenas individuais concretas que se desenrolavam diante dos meus olhos” (Canetti, 1921-31, p. 245).

O autor afirma que esta teria sido a primeira vez em que havia se entregado a uma massa sem resistir e que foi naquele momento que percebeu a absoluta excitação que existia em fazer parte dela. Descreve esse fenômeno como enigmático e, a partir dessa incompreensão e da intensidade vivida no próprio corpo, Canetti começa a se desinteressar pela química – por mais que tenha concluído sua tese - e dedica-se a pensar e escrever sobre a formação de massa.

A partir desta experiência, Canetti inicia seu trabalho *Massa e Poder* afirmando que o homem não teme nada, como teme o contato com o desconhecido, com o estranho (Canetti, 1960). Para o autor, o humano quer e precisa conhecer aquilo que o toca para que não se angustie ou tema incontrolavelmente. O medo do escuro, tão comum no início de nossas vidas, é também o medo do toque repentino no corpo, sem rosto e sem reconhecimento. Nesse sentido, Canetti afirma que até mesmo o modo como caminhamos nas ruas cheias é determinado por essa evitação constante, sempre traçando caminhos que evitem esbarrões ou toques indesejados (Canetti, 1960). Assim, para ele, só desejamos a aproximação quando conhecemos e reconhecemos a pessoa em questão.

A presteza com que nos desculpamos quando do contato não intencional; a tensão com que se aguardam tais desculpas, a reação veemente e, por vezes, violenta quando elas não vêm; a repugnância e o ódio sentidos em relação ao ‘malfeitor’, mesmo quando não nos é possível ter certeza de quem foi que nos tocou – Todo esse emaranhado de reações psíquicas em torno do contato com o estranho demonstra, pela instabilidade e irritabilidade extremas, tratar-se aí de algo muito profundo, sempre desperto e melindroso, algo q eu, uma vez tendo o



homem estabelecido as fronteiras de sua pessoa, nunca mais o abandona (Canetti, 1960, p. 12).

Pois é somente em uma massa, densa, numerosa, com as características particulares desse fenômeno, que seria viável permitir essa aproximação, esse toque. Isso porque, em uma massa, os corpos comprimem-se uns contra os outros, esbarrando-se múltiplas vezes, em diversas direções e sentidos, sem tomar qualquer conhecimento sobre quem toca em quem (Canetti, 1960). Canetti tenta explicar essa característica afirmando que:

Na massa ideal, todos são iguais. Nenhuma diversidade conta, nem mesmo a dos sexos. Quem quer que nos comprima é igual a nós. Sentimo-lo como sentimos a nós mesmos. Subitamente, tudo se passa então como que no interior de um único corpo. Talvez essa seja uma das razões pelas quais a massa busca concentrar-se de maneira tão densa: ela deseja libertar-se tão completamente quanto possível do temor individual do contato. Quanto mais energicamente os homens se apertam uns contra os outros, tanto mais seguros eles se sentirão de não se temerem mutuamente (Canetti, 1960, p. 12).

Assim, Canetti denominou esse fenômeno de *inversão do temor do contato*, e justifica afirmando que essa inversão é responsável por um sentimento de prazer determinado a partir de um alívio do medo - individual – supracitado.

Elias Canetti também destaca o caráter prazeroso de estar em uma massa com a noção de descarga. Afirmo o autor que este seria o acontecimento mais importante dentro de uma massa. Antes da descarga, a massa não se forma enquanto fenômeno, porém, a ideia de descarga para Canetti se distingue em partes da descarga catártica freudiana. Para Canetti, a descarga acontece no momento em que todos os integrantes da massa se desnudam de suas diferenças – sociais e patrimoniais – e sentem-se iguais (Canetti, 1960).

A satisfação de situar-se hierarquicamente acima dos demais não oferece compensação pela perda da liberdade de movimentos. Em suas distâncias, o homem se faz rijo e sombrio. Ele se arrasta sob o peso de tais cargas e não sai do lugar. Esquece que foi ele próprio quem se impôs essas cargas e anseia por libertar-se delas. (...) Somente a união de todos é capaz de promover-lhes a libertação das cargas da distância (Canetti, 1960, p. 16).

O que justifica e mantém, mesmo que por um breve momento, os indivíduos em massa são a satisfação e a felicidade proporcionadas por esses fenômenos descritos. Canetti, no entanto, nos aponta para o fato de que esse prazer é finito; isso porque as diferenças são apenas suspensas, não extintas. Os integrantes não

renunciam suas posses e lugares sociais, e retornam para suas vidas individuais da mesma forma como as deixaram. Dito isso, Canetti destaca o fato de que a massa se desfaz e sabe que irá se desfazer. Para continuar existindo, seriam necessárias novas descargas, angariando novas pessoas, porque ou a massa cresce, ou ela se extingue (Canetti, 1960).

Dessa forma, na tentativa de propor uma classificação para os tipos de massa, Canetti se propõe a descrever quatro características fundamentais desse fenômeno que estariam presentes em toda formação de grupo, variando apenas no grau de cada uma dessas propriedades. A primeira delas, que se refere ao que denominou massas abertas, é que a característica de *quererem crescer*, tendo a ânsia de crescimento constante e não obstaculizada. Ela demanda cada vez mais pessoas e se entrega ao crescimento incessante, até o momento em que se finda naturalmente. Já as *massas fechadas* impõem certos limites para seu próprio crescimento, apesar do desejo intrínseco de expansão. Uma massa fechada se propõe à construção de limites porque percebe que sua total abertura acelera sua desintegração, tornando-as mais longevas. Mesmo assim, Canetti aponta para a possibilidade de erupção dessa massa fechada, que acaba por extrapolar seus limites forjados em determinado momento e, conseqüentemente, extinguindo-se como uma massa aberta.

A segunda característica identificada por Canetti é que na massa a igualdade é imperativa. “Uma cabeça é uma cabeça; um braço é um braço – as diferenças não importam. É por causa dessa igualdade que as pessoas transformam-se em massa” (Canetti, 1960, p. 31). A terceira qualidade da massa é que ela sempre deseja uma densidade maior; “Tudo deve ser a própria massa” (Canetti, 1960, p. 31). Por fim, atribui a durabilidade da massa a que esta siga uma direção. Nesse sentido, a massa estaria sempre em movimento, em direção a algo; uma direção única fortaleceria a identificação entre os seus integrantes.

As críticas de Canetti ao trabalho freudiano são muitas, absolutamente explícitas e vão além da teorização acerca da massa. Ele argumenta que Freud estaria inapto a escrever sobre o tema por nunca ter tido uma experiência pessoal e afetiva na imersão em um fenômeno de massa. Ele diz:

(...) testemunhei a euforia belicista em Viena como um homem maduro... Era compreensível que ele resistisse a esse tipo de massa... de um instrumento útil para iniciar o seu trabalho. Toda

a sua vida ele estudou processos que ocorreu no indivíduo isolado (Canetti, 1960, p. 177).

Contudo, toda sua crítica à teoria freudiana se dá sem qualquer experiência pessoal em uma análise, mostrando certa contradição em sua construção crítica. Como nos aponta sua autobiografia, escrita em três volumes, a relação de Canetti com a teoria psicanalítica é, no mínimo, ambivalente. Isso porque em muitos aspectos de sua leitura sobre o fenômeno da massa e o indivíduo, suas ideias caminham junto do teorizado por Freud. Canetti reconhece o ser humano em sua ambivalência afetiva entre o amor e o ódio e confirma o lugar determinante da vida inconsciente na vida de cada indivíduo e nos fenômenos de massas.

Seu incômodo com a psicanálise vem, antes de tudo, a partir de uma aversão do autor com as ditas teorias fechadas e as especializações do conhecimento. Para o autor, a amplitude do campo do conhecimento e a multidisciplinaridade são fatores fundamentais para a compreensão dos fenômenos humanos e acusa Freud, e tantos outros teóricos, de produzirem conhecimentos fechados em si mesmos. Assim, Canetti disfarça algumas críticas às proposições freudianas que se mostram fundamentais e coerentes, mas também esbarra em certas contradições próprias. Em uma relação que se mostra bastante complexa, Canetti despende considerável tempo em questionar a teoria de Freud, mas nos ateremos aqui ao que nos interessa, na questão do indivíduo e da composição de massa.

Ambos os autores abordam a natureza humana a partir de uma perspectiva semelhante, assumindo o caráter agressivo e irracional do homem, mas diferem em atribuir a motivação desse comportamento. Freud localiza essa resposta nos impulsos sexuais inconscientes – reprimidos ou não – enquanto Canetti defende a ideia da evitação a todo custo da morte. Nesse sentido, o célebre Caso Schreber é construído por Freud como modelo, a partir dos aspectos sexuais – ligados à homossexualidade mal resolvida de Schreber. Para Canetti (1960), no entanto, o homem se refugia em uma ilusão de poder para se defender de ansiedades e angústias relacionadas à questão da mortalidade. É preciso matar para não morrer, e a culpa que isso produz, juntamente com a projeção de sua própria agressividade no ambiente que acaba por voltar e ameaçar ele mesmo. Tal fator torna a realidade insuportável e desencadeia uma série de reações defensivas, como pertencer a uma massa e a busca por mais poder.

Na mesma época em que escreveu *Psicologia das massas e análise do eu* (1920- 1922), Freud também se propôs a pensar e a introduzir em sua teoria o conceito de pulsão de morte, na tentativa de explicar alguns comportamentos destrutivos encontrados nos relatos clínicos de seus pacientes das quais sua teoria do princípio do prazer (1911) não havia dado conta. Mas essa nova teoria, mediante a qual o homem está vetorizado em direção a um estado inicial inorgânico, opõe-se ao papel da morte no pensamento canettiano.

O homem de Canetti não anseia em nenhuma instância a morte; pelo contrário, ele é capaz de matar para evitá-la. Para isso, ele endereça sua violência ao outro, por vezes manifesta, por vezes latente, a partir de uma ilusão de evitar a própria morte. Essa atitude determinará, segundo Canetti, as condutas daquele indivíduo; não se trata aqui, porém, necessariamente, de uma agressividade justificada, usada em legítima defesa. Nessa perspectiva, os indivíduos mostrarão sinais de agressividade excessiva, gerando sentimentos de perseguição e ansiedade.

Evitar a morte torna-se, então, um fim absoluto, instaurando uma competição com os outros na qual o homem quer sobreviver a todo custo. O 'temor do contato' é, na verdade, o medo de ser morto, e isso produzirá tensões e cargas no indivíduo que só podem ser descarregadas quando imersas em uma massa. Ou seja, por medo dos outros, o indivíduo *inverte o temor de contato* (ou o medo da morte), juntando-se a outros e garantindo mais poder e segurança.

Assim, Freud e Canetti se propuseram a investigar a massa, cada um partindo de formas e justificativas diferentes. O interesse de Freud nas massas se dava a partir de sua metapsicologia, sempre baseada na questão pulsional. Com as teorias na área da psicologia social se desenvolvendo e proliferando cada vez mais, ele quis dar uma explicação ao fenômeno do ponto de vista psicanalítico. O psicanalista desenvolve uma teoria do social a partir dos conceitos que vinha trabalhando no campo das neuroses, individualmente. Com isso, ele minimiza a importância da oposição entre psicologia individual e psicologia social ao afirmar que a procura do indivíduo pela satisfação de seus impulsos instintuais raramente está desatrelada de outros indivíduos. Freud quer entender o ser *em relação* e percebe que nos primórdios desse instinto social encontra-se a formação da família, a escolha de seus amores e a importância de suas figuras de autoridade, como professores e profissionais responsáveis pela manutenção da saúde (Freud, 1921).

Por outro lado, embora na obra de Canetti não haja menção objetiva ao debate indivíduo/social, o fenômeno da descarga – exposto anteriormente – nos serve como uma resposta a essa problemática. Conforme apresentado por Canetti, o fenômeno de descarga ocorre dentro da massa e dissolve todas as diferenças de seus integrantes. Essas diferenças existem constantemente, em todos os lugares nos quais os indivíduos participam; se instalam na consciência dos homens e influenciam seu comportamento com o seu meio. No entanto, de forma momentânea, espontânea e conjunta, na massa, as diferenças desaparecem. Dessa maneira, podemos pensar esse fenômeno a partir de sua dinâmica, que vai do individual ao social e depois o retorno ao individual, entrelaçando-os.

Como vimos, Canetti decidiu estudar a massa por justificativas afetivas pessoais e, por mais que tenha produzido um trabalho absolutamente sério e minucioso, torna-se inviável descartar suas afetações pelo tema. Conforme afirma o autor em sua biografia (Canetti, 1931-1937), sua investigação visou entender o que se passou com ele naquela manifestação. Canetti se propõe a estudar o fenômeno da massa em toda sua pluralidade, distinguindo e esmiuçando os tipos de massa, com suas estruturas específicas e funcionamentos díspares, sempre tendo a problemática do poder como referência.

Os autores concordam ao considerar que nem o social, nem o individual podem ser pensados isoladamente. Tanto para Freud quanto para Canetti, o homem só pode ser reconhecido na medida em que se insere em uma ação coletiva, seja uma família, uma sociedade ou uma massa e, nesse sentido, a questão do poder sempre estará presente. O poder se demonstra de várias formas em nossas relações com nosso meio, geralmente a partir da hierarquização de nossas relações. Evidente também, tanto para Freud como para Canetti, que os primeiros representantes de poder são aqueles que cuidam da criança recém-chegada no mundo, nos servindo, doravante, de modelos para todas as nossas relações na vida comumente compartilhada. Nesse sentido, Freud fez contato com um fenômeno, que não foi por ele inventado, mas que ganhou desdobramentos bastante originais a partir de sua produção e da articulação deste com sua metapsicologia. Desta forma, destaca-se o conceito de transferência como protagonista para pensarmos os processos de vinculação nesse fenômeno específico, dando destaque, nesse trabalho, às relações hierarquicamente idealizadas.

Contudo, antes de adentrarmos na discussão sobre esse conceito central, será necessário a exposição de outros conceitos fundamentais para a teoria freudiana e que nos servirão de base para melhor compreender esse fenômeno. Dentre esses conceitos, destacaremos três: sugestão, regressão e libido. Evidentemente relacionados e entrelaçados tanto na metapsicologia como no fazer clínico, nosso objetivo, no próximo capítulo, é o de destacá-los para, assim, melhor compreendê-los.

### 3

## Da sugestão à regressão: a circulação da libido

Neste capítulo, exporemos o percurso da noção de *sugestão* ao longo da história, até chegarmos às ideias, conceituações e usos desenvolvidos por Freud acerca desse tema. Além disso, para termos mais fôlego e embasamento em nossa discussão presente no quarto capítulo desse trabalho, apresentaremos a genealogia de três dos principais conceitos fundamentais desenvolvidos por Freud em sua obra, que se encontram no cerne da teorização psicanalítica sobre o conceito de transferência, tanto no campo social como na relação analítica.

### 3.1

#### A sugestão e o Mesmerismo

Fernando Aguiar, em seu livro “Da sugestão à transferência” (2022), expõe o conceito de sugestão a partir de três sentidos anteriores. Segundo Aguiar (2022), o primeiro e mais antigo dele, *suggestion*, derivado do latim, é exposto já no século XII. Conforme a pesquisa de Aguiar, a sugestão “nomeia uma crença, uma ideia, um desejo originário em outra consciência, sem que tal influência seja reconhecida pelo sujeito sugestionado” (2022, p.17). Um pouco depois, em 1857, a palavra *suggestif*, com sua tradução objetiva ‘*sugestivo*’, aponta para a possibilidade de sugerir ideias, imagens ou sentimentos. Aguiar (2022) ainda esclarece que, tempos depois, no ano de 1890, o mesmo termo ganha componentes eróticos em sua descrição. Por fim, no ano de 1900, é dicionarizado o termo “sugestionabilidade”, do francês *suggestibilité*, na qual seu sentido aponta para uma aptidão em deixar-se influenciar.

O fenômeno da sugestão sempre pairou nas reflexões das práticas médicas e filosóficas. Mesmo o ‘entusiasmo’ de Platão ou a ‘imaginação’ de Montaigne, como nos aponta H. F. Ellenberg (1994), também se referem a essa mesma

característica presente na vida em sociedade, associada desde o princípio à noção de ‘contágio’. Porém, nesse capítulo, para adequarmos a discussão proposta nesse presente trabalho, nos ateremos aos pensadores que se propuseram a pensar, discutir e validar esse fenômeno enquanto prática de cura.

Franz Anton Mesmer, médico vienense nascido no ano de 1734, propôs ao longo de sua carreira uma teoria baseada em algo descrito pelo autor como magnetismo animal. Recém-chegado a Paris no ano de 1778, o médico propunha a existência de um “fluido magnético” universal de poder curativo que perpassava os corpos através da concentração e da comunicação. Mesmer acreditava que as enfermidades apresentadas seriam decorrentes de uma má distribuição desse fluido, e que a manipulação deste poderia trazer ganhos significativos para aqueles que não encontravam a cura na medicina da época. Ganhando dimensões e proporções cada vez maiores pelo continente europeu, foram designados como uma peste – referindo-se à doença contagiosa que assombrava a cidade de Paris (Chertok; Stengers, 1989) – e começaram a preocupar boa parte da monarquia francesa.

Ao redor da cuba de Mesmer, as mulheres da melhor sociedade – inclusive a própria rainha, alegavam os panfletários – perdiam o controle, desatavam num riso “histérico”, desmaiavam e eram tomadas por convulsões. A cuba de Mesmer efetuava a transmutação de um grupo policiado numa aglomeração desenfreada, com os efeitos do fluido em cada um reforçando a potência de seus efeitos nos demais, com a primeira gargalhada desencadeando as outras em cascata, e com o primeiro espasmo catalisando as crises através de uma irresistível reação em cadeia (Chertok; Stengers, 1989, p. 24).

O rei Luís XVI, tomando conhecimento dos trabalhos realizados por Mesmer, reuniu uma comissão formada por intelectuais de diferentes especialidades da Academia de Ciências de Paris para reconhecer ou não essa terapêutica que ganhava cada vez mais visibilidade na França do século XVIII (Chertok; Stengers, 1989). Dentre eles, encontravam-se o químico Antoine-Laurent Lavoisier, o astrônomo Jean Sylvain Bailly, o físico Ignace Guillotin dentre outros. Após participarem como espectadores de algumas sessões, tornou-se evidente que havia uma influência exercida pelo condutor, ou magnetizador, sobre os enfermos, gerando uma espécie de contágio que se irradiava entre todos os envolvidos. Assim, as percepções e discussões sobre essa prática migraram no sentido de obter uma melhor compreensão desses fenômenos observáveis e desconhecidos. Existia ‘algo



fundamental' que precisava ser investigado. (Chertok; Stengers, 1989, p. 25). Em uma dessas comissões, produziu-se o seguinte relato:

Não podemos impedir-nos de reconhecer... um grande poder que agita os doentes e os domina, e do qual o magnetizador parece ser o depositário... Todos se submetem àqueles que os magnetiza; por mais que estejam num aparente torpor, sua voz, um olhar ou um sinal os retira disso... os membros da comissão que, no conjunto dos doentes em crise, havia sempre muitas mulheres e poucos homens; que essas crises levavam uma ou duas horas para se estabelecer; e que, a partir do momento em que uma se instalava, todas as demais começavam sucessivamente e em pouco tempo (Bailly *apud* Chertok; Stengers, 1989, p. 27).

No espaço disponibilizado para o tratamento, o que se percebia era uma sincronia perfeita dos corpos. Os movimentos eram propagados por todos assim que o estado de crise se instaurasse em um dos presentes. Assim, compreendendo cada vez mais os efeitos gerados em suas práticas, Mesmer foi modificando sua técnica, abandonando os ímãs e outros artefatos magnéticos, priorizando sua terapêutica no sentido da influência que o magnetizador exercia sobre os pacientes. “Entre a medicina e a magia das cubas, varetas e passes magnéticos, Mesmer descobre o poder da sugestão” (Monteiro; Jacó-Vilela, 2008, p. 142).

As comissões designadas pelo rei Luís XVI relataram que a imaginação seria o componente fundamental e secreto do magnetismo. Acrescido a este elemento, outros dois ganharam igual destaque: a influência e a imitação. Para os membros da comissão, o magnetismo não passava de um efeito imaginativo, viabilizado pelo toque daquele que conduzia. Fato curioso é que a comissão ainda atribuiu a mesma justificativa, a da imaginação, ao teatro, às formações militares e às assembleias públicas (Chertok; Stengers, 1989). A observação e a reflexão sobre a prática do mesmerismo trouxeram à tona componentes valiosos para pensar a ciência vigente e o contexto político da época. Porém, ao situar a questão do magnetismo animal no campo da imaginação, findaram-se as possibilidades de perguntas e reflexões necessárias ao propósito científico restrito (Bachelard, 1938) e essa investigação caiu em uma zona morta de discussão e pesquisa, sem deter a seriedade necessária aos pesquisadores.

Ainda no relatório encomendado por Luís XVI, em uma parte descrita como sigilosa, os comissionados afirmam existirem, nesse estado sonambúlico, manifestações de atração dos pacientes por aqueles que executavam as técnicas hipnóticas. Os enviados ainda atestaram que essa atração tinha perceptivelmente

componentes de natureza sexual. Isso posto, Mesmer é condenado e sua prática cai em ostracismo, por tocar e se aliar a componentes impuros e perigosos, sendo eles a imaginação, a influência, a imitação e, além disso, a sexualidade.

Porém, por mais que tenha sido condenada e malvista pelo corpo científico e médico da época, a *influência* enquanto prática não se extinguiu. O espaço entre a condenação do mesmerismo e a retomada posterior da influência relacionada à hipnose não foi de silenciamento absoluto. As práticas de influência continuavam ganhando grande admiração e interesse por seguirem gerando efeitos de cura e/ou mobilização, mas nos espaços outros, distantes das instituições que geriam o poder (Zweing, 1930; Ellenberger, 1970).

Foi somente na modernidade que a influência, a sugestão e suas variáveis voltaram a ganhar espaço nas grandes discussões científicas. Segundo Foucault (1963), é na passagem da pré-modernidade para a modernidade que a medicina ganha mais poder e importância, carregando consigo também as experiências de ordem social, promovendo, inclusive, uma medicalização dos espaços sociais. Nessa mesma época, a revolução francesa acontecia e ganhava grande visibilidade. Assim, como aponta Joel Birman (2012), a reativação da prática da hipnose e da sugestão se relaciona diretamente com as transformações no lugar simbólico de poder. Nesse sentido, a queda dos grandes soberanos e a horizontalização do poder obrigaram a implementação de outra forma de governar (Birman, 2012), agora sempre tendo como referência a opinião popular.

A discussão paralela a essas problemáticas é justamente a influência como prática social. Aparenta não ser por acaso, que a percepção e a investigação de uma prática terapêutica que maneja a determinante e intensa influência que um indivíduo pode exercer sobre outro seja malvista justamente por aqueles que assumiram o poder soberano, de influência também soberana e institucional. Portanto, uma vez que são depostos os soberanos, na ausência de uma instância superior e transcendente que pudesse balizar a existência de cada indivíduo, o sujeito, embora absolutamente mais livre, se encontrou em desamparo, necessitando buscar, agora em si próprio, as bases para a construção de sua vida e da vida em sociedade. É nesse momento que as práticas terapêuticas baseadas na influência e na sugestão serão resgatadas dos porões, quase setenta anos depois da condenação de Mesmer. Essa retomada vai ser dirigida pelo médico escocês James Braid, dessa vez com o nome de hipnose (Chertok, 1979).

### 3.2

#### A hipnose

O vocábulo *hipnose* foi utilizado pela primeira vez, enquanto prática médica, por James Braid, em 1843 (Chertok; Stenger, 1989), que procurava descrever o estado de sono do sistema nervoso. A palavra escolhida e utilizada vem de Hypnos, o deus do sono na mitologia grega; irmão de Thanatos, deus da morte e filho de Nix, deusa da noite (Hesíodo, 1995, p. 91). Todavia, Braid, ao longo de suas pesquisas, percebeu seu engano na descrição do fenômeno, visto que, quando em hipnose, o sujeito apresentava um funcionamento intenso das faculdades mentais. Além disso, Braid separou de forma objetiva a hipnose do magnetismo animal, considerando a hipnose como uma condição específica do sistema nervoso e, por isso, entendia que tal prática poderia ser utilizada no tratamento de certas enfermidades (Braid, 1843). Ele afirma:

Será observado, por razões citadas, que eu agora separei completamente hipnotismo de magnetismo animal. Eu o considero meramente um modo simples, rápido e certo de colocar o sistema nervoso em uma nova condição, que pode ser apresentado eminentemente disponível na cura de certas desordens. Eu acredito, então, que pode ser investigado de maneira bastante independente de qualquer tendenciosidade, tanto para ou contra o sujeito, como conectado com mesmerismo; e apenas pelos fatos que podem ser apresentados. Sinto-me bem confiante que nós adquirimos neste processo uma valiosa adição aos nossos meios de cura; mas eu repudio a ideia de elevá-la a um remédio universal; e também não pretendo entender, ainda, a completa gama de doenças nas quais pode ser útil. Tempo e experiência apenas podem determinar esta questão, assim como é o caso com todos os novos remédios (Braid, 1843, p. 4)

A ideia de que a hipnose e o sono teriam correlação direta e similitudes profundas foi exposta pela primeira vez pelo marquês Armand Chastenet de Puységur (1795- 1860), aluno e discípulo de Mesmer (Ellenberger, 1970). Puységur usava as técnicas mesmerianas para curar muitos camponeses que não detinham recursos financeiros para arcar com um tratamento. Com as críticas severas que o magnetismo mesmeriano vinha recebendo, o marquês tentava, como que em uma última tentativa, elaborar essa prática terapêutica, se afastando do corpo científico vigente, praticando o magnetismo a partir da provocação de uma crise que precedia à cura. Porém, em um de seus pacientes, não foi provocada a crise a partir da

técnica, e sim um estado de sono profundo. Pyuségur encontrou um segundo estado de consciência, no qual o paciente conseguia fazer ações básicas e corriqueiras mesmo que em estado de sono, e essas ações não eram memorizadas após o efeito, que não sabia o que havia acontecido durante aquele período (Zweig, 2017). Com isso, o autor conclui, então, que aquele trabalho terapêutico não se dava por questões fluídicas, e sim psicológicas, contrariando os preceitos mesmerianos da magnética (Chertok; Stengers, 1989; Roudinesco; Plon, 1998).

Para Mesmer, no entanto, o ponto de partida era um fluido que emanava da figura do magnetizador e percorria os outros corpos colocando-os em um lugar de influência, nessa nova vertente “tudo se passa na mente do sujeito” (Chertok; Stengers, 1989, p. 47). Nesse sentido, alguns teóricos renomados debruçaram-se sobre a hipnose para melhor compreender sua explicação ontogênica e suas possibilidades de uso. Nesse sentido, temos como principais nomes: Jean Martin Charcot, Hyppolite Bernheim e August Liébeaut.

### **3.2.1**

#### **A hipnose em Charcot e Bernheim**

O estudo e aplicação de Jean Martin Charcot do fenômeno da hipnose são derivadas das noções defendidas por Braid, que retirou esse fenômeno do obscurantismo e situou o fenômeno junto à ciência. Charcot tinha como objetivo construir uma classificação das doenças do sistema nervoso a partir da noção da anatomia patológica. Seu grande desafio foi justamente a enfermidade histérica, devido ao seu caráter absolutamente plural e variável de sintomas, e pela inexistência de lesões anatomopatológicas (Birman, 2012).

Baseado na fisiologia, a hipnose corresponderia, a partir das ideias de Charcot, ao estado modificado do sistema nervoso causado por estímulos externos, tal qual a histeria. Para ele, haveria uma predisposição do sistema nervoso aos ditos estados hipnóticos. Segundo o francês, existiria uma relação íntima entre hipnose e histeria, justificada por uma disposição do sistema nervoso bastante específica. Assim, a hipnose foi considerada por Charcot uma “neurose experimental”, equiparando sua apresentação com o mecanismo típico da histeria: “O estado hipnótico não é outra coisa que um estado nervoso artificial ou experimental, cujas

manifestações múltiplas aparecem ou se esvaem, segundo as necessidades do estudo, à livre vontade do observador” (Charcot, 1890, p. 310).

Charcot também fez contato com as produções das comissões de Luís XVI sobre a prática mesmérica (Chertok; Stengers, 1989), porém, em conjunção com sua leitura do trabalho de Braid, não recuou nas suas investigações, firmando a hipnose como prática científica e médica, depois do longo período de marginalização (Birman, 2012). Por conta disso, a hipnose passou a formar parte das ditas “paralisias psíquicas experimentais” e, pouco depois, foi sustentada por Charcot como uma paralisia sugerida – equivalente da paralisia histérica – a fim de estabelecer uma diferenciação efetiva com a paralisia orgânica.

O uso da hipnose por Charcot, portanto, se justificava enquanto pesquisa clínica do trauma de determinadas doenças mentais, incluindo a histeria. Os pacientes histéricos apresentavam muita resistência ao tratamento e às pesquisas realizadas até então (o que fundamentava muitas conclusões sobre o caráter simulatório e falseador da histeria) e Charcot percebeu que a hipnose seria uma ferramenta adequada e eficiente para ultrapassar tais resistências e melhor compreender os processos desse transtorno (Birman 2012).

Segundo Freud (1905), Charcot reproduzia artificialmente os sintomas histéricos com o intuito de demonstrar que não era uma enfermidade de origem orgânica, mas que também não se justificava enquanto mera simulação – como era afirmado pela comunidade científica de Viena e Berlim. Os sintomas observados, em geral, paralisias motoras, segundo o médico, eram consequência de representações que controlavam o cérebro. Existiria então algo referente à fisiologia do sujeito enfermo, mas sem uma explicação causal clara. Assim, Charcot situou a histeria no campo da neuropatologia. Para o autor, havia um trauma nos seus pacientes, e a investigação dessas alterações fisiológicas que escapavam das explicações neuroanatômicas deveria ser feita pelo processo hipnótico.

(...) lançar mão do procedimento da hipnose e reabilitá-lo historicamente, uma vez considerada prática de charlatanismo pela instituição médica francesa durante décadas, implicava efetivamente para Charcot querer quebrar a resistência da histeria e caminhar na direção do núcleo de verdade presente nela, na sua múltipla e diversificada produção sintomática. (Birman, 2012, p. 54).

Charcot, por toda a notoriedade concebida tanto a ele próprio como ao hospital que dirigia, valendo-se do esforço inicial da pesquisa de Braid na pesquisa,

não só reabilitou a prática hipnótica no campo científico, como deu um lugar digno para as enfermidades histéricas.

A crítica mais considerável à teoria e prática charcotiana da hipnose foi desenvolvida pelo célebre Grupo de Nancy, tendo Hippolyte Bernheim como principal nome. É importante ressaltar que suas conclusões, assim como as de Charcot, derivam das experiências iniciais de Braid, mas acabaram tomando direções bastante diferentes. Bernheim, discípulo de August Liébault, considerava que a hipnose não estava contida apenas no campo das patologias histéricas, sendo considerada normal e presente em todos os indivíduos (Bernheim, 1891). Isso o leva a afirmar que “o estado hipnótico não é uma neurose; é um estado fisiológico; os fenômenos que o caracterizam podem ser obtidos em certas pessoas estando dormidas durante o sono natural” (Bernheim, 1891, p. 324) Segundo Bernheim, os fenômenos advindos do estado hipnótico são efeitos do psiquismo, mas não seriam resultantes de estímulos externos, mas sim da própria sugestão (Ellenberger, 1970).

Essa perspectiva é de fundamental relevância, porque retirava a hipnose do âmbito da neuropatologia. Além disso, situa a sugestão como ideia principal, que seria embasada pela noção de “*Crédibilité*”, que se baseava, resumidamente, na confiança que um indivíduo tem na palavra de outro indivíduo, tendo aproximação direta com a ideia de fé (Bernheim, 1884). Sem a *Crédibilité*, segundo Bernheim, todo laço social seria impossível de se estabelecer. “Nosso espírito continuaria fixo e imperturbável no equilíbrio da dúvida, e só a evidência teria poder de lhe fazer sair. Em uma palavra, acreditar sem a ‘*Crédibilité*’ seria ainda mais difícil que ver sem a vista, seria radicalmente impossível” (Bernheim, 1884, p. 80).

Bernheim produziu um artigo muito relevante, em 1888, elucidando as diferenças entre o entendimento da hipnose em Salpêtrière e o grupo de Nancy. Neste trabalho, foram destacados oito pontos, sendo eles: i) todo sujeito é suscetível a entrar em estado cataléptico ou sonambúlico, por simples sugestão; ii) na chamada Grande Histeria, a hipnose não se diferencia da que se produz no resto dos indivíduos não histéricos; iii) da mesma forma, não seria a histeria um bom terreno para o estudo da hipnose devido à mistura de sintomas nervosos histeriformes de origem emotiva ou resultantes de autossugestão e os fenômenos hipnóticos propriamente ditos; iv) o estado hipnótico não é uma neurose, os fenômenos que o constituem são naturais e psicológicos, podem ser obtidos pelos indivíduos no sono normal; v) o estado hipnótico não seria prerrogativa dos neuropatas, nem seria mais

fácil produzi-lo neles; vi) não há pretensão de que todos os sonâmbulos sejam puros autômatos movidos pela vontade do operador; vii) todos os procedimentos da hipnose se reduzem à sugestão; e viii) a sugestão é a chave de todos os fenômenos hipnóticos.

Liébault afirmava que a diferença entre o estado hipnótico e o sono comum era a presença da figura do hipnotizador. Bernheim vai além, afirmando haver uma “sugestionabilidade humana normal” (Freud, 1988-89, p. 52), justificada a partir do “estado de preparação mental e pela expectativa do sono” (Freud, 1988-89, p. 52). Assim, Bernheim afirma que esse processo se dá por “uma ideia concebida pelo operador, captada pelo hipnotizado e aceita por seu cérebro” (Freud, 1988-89, p. 48.). Para ele, “a sugestão é erigida como núcleo do hipnotismo e chave para sua compreensão” (Freud, 1988-89, p. 48).

A Escola de Nancy propõe, além disso, uma dimensão funcional da histeria, que seria causada no sujeito a partir da relação deste com outrem. Não existiria, então, qualquer marca anatômica derivada desse processo de adoecimento, como defendido por Charcot. Assim, para que fosse possível um tratamento para essa enfermidade, seria necessária uma força contrária a essa origem relacional, isto é, a relação com outra alteridade, como a figura do médico, que seria capaz de atuar de maneira contrária à sugestão que determinou o adoecimento histérico daquele indivíduo. Essa atuação contrária ganhou o nome de contra-sugestão (Bernheim, 1913).

Bernheim introduziu uma dimensão funcional na histeria – a sugestionabilidade –, sem que existisse qualquer dimensão anatômica. Contudo, Bernheim ressaltou a posição estratégica ocupada pelo outro na produção da sugestão, inserindo decididamente a histeria no campo da relação do sujeito com o outro. Portanto, a produção da sugestão implicava a alteridade, sem a qual a relação não seria engendrada. (Birman, 2012, p. 55).

Nesta época, o ainda jovem neurologista Sigmund Freud já havia sido capturado pelo interessante fenômeno histérico. Discípulo de Joseph Breuer, adentrava cada vez mais no tratamento dessa misteriosa doença a partir do método catártico e começa a desenvolver suas próprias conclusões. Mas, para isso, precisou tomar um trem com destino à França e fazer duas paradas: Paris e Nancy. Como vimos, muita coisa estava sendo pesquisada e discutida e Freud entendeu que precisava presenciar esses estudos e terapêuticas.

### 3.2.2

#### Freud e a Hipnose

(...) nós, psicanalistas, podemos nos declarar seus legítimos herdeiros, e não esquecemos o estímulo e o esclarecimento teórico que devemos a ela (Freud, 1917, p. 612).

A partir de sua visita à La Salpêtrière e de seu contato com Charcot, Freud (1916), antes de qualquer discordância, reconhece a cientificidade do hipnotismo e valoriza a importância e a seriedade dos estudos sobre o transtorno histérico desenvolvidos com ele. Além disso, as pesquisas realizadas por Charcot também foram reconhecidas por Freud por atestarem a existência de processos psicológicos inconscientes, por mais que houvesse a necessidade de melhor discriminação destes. Apesar disso, Freud não seguirá as conclusões teóricas construídas no hospital de Paris, se opondo à definição neuroanatômica de Charcot da histeria. Por outro lado, após suas visitas em 1889 a Nancy, Freud também não ficou totalmente satisfeito com as conclusões de Bernheim uma vez que, segundo ele, Bernheim “não percebeu, na suggestibilité, a dependência da sexualidade, da atividade libidinal” (Freud, 1916, p. 591).

Além disso, Freud discorda da possibilidade de não haver qualquer marca registrada no paciente histérico, por mais que reconhecesse sua eficácia e seus ganhos terapêuticos com o seu uso da hipnose. Para ele havia uma marca, mas, diferentemente de Charcot, entendia que essa marca não era física, mas psíquica.

Dessa forma, se por um lado os estudos de Charcot enfatizavam e reproduziam o caráter patológico do hipnotismo e da histeria, por outro, os estudos desenvolvidos em Nancy destacavam os efeitos curativos da sugestão facilitada pela hipnose. Enquanto o interesse de Charcot era principalmente investigativo, na escola de Nancy se fazia uso da hipnose como meio de tratamento. Para tanto, hipnotizava-se o paciente para torná-lo mais sugestível e administrar-lhe, assim, sugestões diretas, isso é, ordens e afirmações ditas ao paciente no intuito de eliminar sintomas, pensamentos e sentimentos que o faziam sofrer (Freud, 1891). Porém, de seu contato com o desenvolvimento teórico de Bernheim, a noção da sugestibilidade e a técnica da contra-sugestão foram aquilo que mais interessou ao austríaco. Membro da Escola de Nancy, Freud guarda o intenso poder da palavra do médico sobre o paciente de forma a curá-lo de seus males. A sugestão, nesse



caso, desponta na relação médico/paciente de tal forma que a luta clínica se centraliza entre a autoridade do médico e a força do sintoma.

Em seu texto “Tratamento Psíquico”, de 1890, Freud atesta a palavra como uma ferramenta privilegiada nos processos terapêuticos. “São os mais importantes mediadores da influência que uma pessoa quer ter sobre outra” (Freud, 1890, p. 31). Porém, sozinha a palavra não encontra estofo nem potencial de cura; é apenas articulada à figura de poder – no caso ocupada pelo médico – cuja influência, somada a predisposição do enfermo de ansiar uma melhora clínica baseada na confiança no método utilizado, produziria um estado psíquico que possibilitaria a melhora dos sintomas e até mesmo da enfermidade. Freud nos mostra e aponta para a intensa relação estabelecida entre hipnotizador e hipnotizado; o mundo externo desaparece em termos de interesse para aquele submetido ao processo hipnótico, fazendo da figura do hipnotizador seu estímulo absoluto (Freud, 1890). A hierarquia dessa relação tem como produto uma intensa submissão por parte do paciente. O sujeito hipnotizado obedece.

Tomando esses elementos como centrais, Freud (1890) foca suas preocupações no entendimento das relações entre sugestão e o poder da palavra do médico em transformar o sofrimento de seus pacientes para fazer uma importante percepção: esse poder não emana do médico, mas é outorgado a ele pelo próprio paciente. Freud passa a se aprofundar na compreensão dos mecanismos psíquicos que fundam o campo pelo qual se abrem, ao médico, as possibilidades de produzir uma influência segura sobre seus pacientes. Com isso, ao longo de sua extensa obra, desenvolve uma articulação entre esse tipo de vínculo com i) as crianças quando ainda dependentes de seus pais (1905), ii) as pessoas apaixonadas (1914) ou mesmo iii) os participantes de grupos com um líder (1921). Freud percebe uma similaridade com a clínica das neuroses, posto que nela há uma regressão à infância, um laço amoroso ligando o paciente ao analista e que esse laço situa o analista em um lugar de destaque comparável ao que o líder ocupa diante de seus liderados e os pais ocupam para as crianças pequenas.

Assim, Freud, junto a Joseph Breuer, se aprofundou e fez uso clínico tanto da hipnose quanto da sugestão em um primeiro momento para depois repensar sua prática e criar seu próprio método. Freud vai se libertando desse formato e construindo algo novo que também possibilite um tratamento psíquico. Para substituir essa importante ferramenta, ela opta, a partir de algumas falas de uma

paciente de Breuer, por outra: pede que o paciente diga tudo o que vem à mente dele, sem qualquer filtro ou hesitação. Chamou essa técnica de ‘associação livre’ e, desde então, a considerou como uma das regras fundamentais da psicanálise. Além da dificuldade encontrada por ele para levar os pacientes a um estado hipnótico, Freud percebeu que o tratamento por esse meio tinha como consequência uma breve melhora do transtorno apresentado, sendo inevitável que aquele paciente voltasse ao seu sofrimento pouco tempo depois. Justifica essa situação argumentando que seria necessário que o paciente fosse mais ativo e consciente no processo; não bastava a influência do médico em ordenar que o paciente, hipnotizado, dissesse a causa e a origem de sua enfermidade. Assim, ele conclui, naquele momento, que a sugestionabilidade era algo que precisava ser eliminado do tratamento (Freud, 1900).

Contudo, Freud, algum tempo depois, em seu importante artigo de 1925 intitulado “Um estudo autobiográfico”, afirma que, ao abandonar a hipnose de sua prática terapêutica, ele não erradicou a sugestão. Afinal, a própria relação de tratamento, hierarquizada, estabelecida entre o médico e seu paciente, confere a ele o poder de influenciar, sugestivamente, seu paciente a se curar de seu adoecimento. Portanto, a partir dessa conclusão, a questão da sugestão não precisaria – e nem poderia – se ausentar de sua clínica, e acaba ganhando bastante relevância em 1921, no célebre texto “Psicologia das Massas e Análise do Eu”. Eliminar tal fenômeno não estava mais nos planos clínicos de Freud, visto que, segundo o próprio autor, a sugestão, em verdade, é a matéria-prima para o restabelecimento da *transferência*, marca fundamental da vinculação libidinal que se estabelece entre o paciente e seu analista. Sobre esse importante conceito, nos ateremos mais detalhadamente no quarto capítulo.

Retornando à problemática da hipnose, Chertok (1979) afirma que o que se passa na hipnose é uma ruptura do sujeito com os elementos externos que não sejam a figura do hipnotizador, isso é, a produção artificial de um estado regressivo que amplia e aflora os afetos. Ocorre uma “circulação afetiva intensa entre o hipnotizador e o hipnotizado,” (Chertok, 1979, p. 140). A hipótese desse autor é a de que “ao permitir ao indivíduo viver a experiência de uma relação fusional, de simbiose afetiva, a hipnose opera uma espécie de “reunificação corporal”, que se traduz por uma suspensão da repressão” (1979, p. 148). Ele afirma que, na prática hipnótica:

a privação sensorial (...) era acompanhada de uma regressão psicológica que se traduzia especialmente por fenômenos de despersonalização, pelo estabelecimento de um aumento de dependência em relação a um outro imaginário percebido como uma presença protetora ou perseguidora (Chertok, 1979, p. 155).

Nesse ponto, entende-se que a noção de regressão é fundamental para entendermos essa relação específica. É nesse estado regressivo provocado, com suas determinadas características, que o sujeito atesta ao hipnotizador – ou ao analista, ou mesmo ao líder - um lugar de influência que pode ser manejado de diversas formas. A ênfase, portanto, recai no fato de que ser hipnotizado dependeria, como já afirmado anteriormente nesse trabalho, em última instância, da própria expectativa e disposição do paciente. Isso porque, como sublinha Freud, na sugestão, a ideia inserida pelo hipnotizador não é apenas acatada, mas sim aceita pelo paciente como se não proviesse de um agente externo (Freud, 1888-89).

Essa percepção de que os comandos sugestivos pareciam vir de dentro enquanto ideias pessoais, dialoga bem com algumas noções fundamentais desenvolvidas por Donald Winnicott, pediatra e psicanalista inglês (1965) quando afirma que os primeiros contatos da criança com sua mãe-ambiente se dão sem que haja a percepção de fatores externos. No estado simbiótico estabelecido entre a mãe e seu filho, tudo é percebido, do ponto de vista do bebê, como sendo ele mesmo. Em outras palavras, a mãe é parte dele. Nesse processo, a criança inclui a experiência com a mãe, tal como fazendo parte de sua realidade pessoal e unipessoal. As palavras e ordens provindas do hipnotizador carregam grande poder não só sobre o psiquismo, mas também sobre o corpo daquele que se submete ao processo. Freud (1890), ao se debruçar sobre a impressionante obediência que os pacientes hipnotizados demonstravam por seus médicos, compara diretamente essa relação à da criança com seus pais ou a qualquer outra referência fundamental.

Dessa forma, conseguimos perceber de forma mais clara que o estado hipnótico-sugestivo é, antes de tudo, um estado de regressão profundo, que aponta para as relações primevas daquele sujeito e para sua constituição psíquica junto aos outros que o cercavam e cuidavam. Isso posto, precisaremos adentrar, agora, na discussão sobre a noção de regressão.

### 3.3

#### A Regressão

A palavra regressão é incluída pela primeira vez no arcabouço teórico da metapsicologia freudiana no famoso capítulo VII do livro “A interpretação dos sonhos” (Freud, 1900). Nele é apresentado um primeiro esquema daquilo que foi nomeado e teorizado por Freud como inconsciente. Esse capítulo ocupa um lugar absolutamente relevante na história da psicanálise, ganhando a importância de marco fundador, ao apresentar aquilo que Freud denominou de primeira tópica – o aparato psíquico sendo definido a partir das instâncias denominadas consciente, pré-consciente e inconsciente.

Em conjunção com essa primeira proposição do psiquismo, Freud desenvolve uma noção econômica que articula essas instâncias e de seus processos. As descreve valendo-se dos fenômenos dos atos falhos, dos chistes, dos sintomas e, claro, dos sonhos. Essas *formações de compromissos*, advindas do inconsciente e de manifestação na consciência, ilustrariam e exemplificariam a necessidade de descarga energética de nosso psiquismo e seu funcionamento. Ele afirma que os sujeitos reagem aos estímulos externos e que serão processados das mais diversas formas – recalcados, expressados, vivenciados, deslocados – sempre em torno do objetivo de descarga.

Para melhor definir e explicar essa relação sujeito-mundo externo, Freud (1900) constrói um modelo objetivo e didático, que ajuda a organizar e elucidar sua teoria, denominado por ele de modelo do pente. No desenvolvimento e explicação deste, Freud se vale do termo regressão pela primeira vez. Para o autor, o movimento regressivo seria descrito como o caminho inverso da vigília. Nesta, os processos psíquicos se deslocariam do sensível ao motor, enquanto, durante o sono, o processo seria exatamente o oposto.

A única maneira pela qual podemos descrever o que acontece nos sonhos alucinatórios é dizendo que a excitação se move em direção retrocedente. Em vez de se propagar para a extremidade motora do aparelho, ela se movimenta no sentido da extremidade sensorial e, por fim, atinge o sistema perceptivo. Se descrevermos como “progressiva” a direção tomada pelos processos psíquicos que brotam do inconsciente durante a vida de vigília, poderemos dizer que os sonhos têm um caráter “regressivo” (Freud, 1900, p. 572).

Assim, Freud nos ensina e explicita que, no sonho, tal qual o funcionamento alucinatorio psicótico, há experiências sensoriais sem qualquer estímulo externo, mas sim internos e de origem inconsciente.

Essa primeira apresentação do termo é pensada no seu sentido topográfico. LaPlanche e Pontalis complementam essa primeira enunciação com o desenvolvimento posterior do conceito realizado por Freud no decorrer de sua vida: “[a regressão] encontra-se em outros processos patológicos em que é menos global (alucinação) ou mesmo em processos normais em que vai menos longe (memória)” (Laplanche; Pontalis, 1967, p.441).

Além disso, Freud também desenvolveu o conceito de regressão a partir dos seus aspectos temporal e formal. Com isso, os autores do reconhecido vocabulário de psicanálise ampliam ainda mais o verbete afirmando que a) em seu aspecto temporal, “a regressão supõe uma sucessão genética e designa o retorno do sujeito a etapas ultrapassadas do seu desenvolvimento - fases libidinais, relações de objeto, identificações, etc -” (Laplanche; Pontalis, 1967, p.441) e b) no seu aspecto formal, elucidando que “a regressão designa a passagem a modos de expressão e de comportamento de nível inferior do ponto de vista da complexidade, da estruturação e da diferenciação” (Laplanche; Pontalis, 1967, p.441).

Importante destacar que, nesse primeiro momento, Freud se vale da descrição do psiquismo durante o sono e da produção onírica para explicar o movimento regressivo. Porém, em “Três ensaios da teoria da sexualidade” (1905), ele nos ilustra esse mesmo fenômeno a partir do desenvolvimento sexual infantil metapsicológico, mais especificamente pelas fixações pulsionais nessas fases sexuais. Conforme os atendimentos clínicos de Freud iam se desenrolando e ganhando algum êxito, seja por meio da hipnose ou já pelo desenvolvimento da associação livre, ele percebe que há sempre uma causa de origem sexual. O aspecto regressivo dessas fixações fica evidente quando o autor afirma que “a sexualidade dos psiconeuróticos manteve a situação infantil ou foi conduzida de volta a ela” (Freud, 1905, p.77). Com isso, o psicanalista conclui, então, que todo conflito psíquico – e para Freud esse conflito é sempre articulado entre desejo e realidade – tem como consequência uma fixação da libido.

Na Conferência XXII Freud (1916) descreve a regressão como um retorno da libido a pontos de interrupção no desenvolvimento do sujeito, ou seja, o retorno da libido – que visa sempre a satisfação – ao momento em que teve a satisfação

impedida pelo encontro com a realidade. Assim, a regressão, para Freud, não é só sinônimo de retroativo porque também é entendida como mecanismo na formação do sintoma neurótico a partir de uma fixação pulsional.

Em Freud, nesse primeiro momento, o conceito de regressão se apresenta, ao mesmo tempo, como causa e cura do sintoma. Causa por ser a marca de uma fixação do psiquismo a partir do conflito do desejo, e cura por possibilitar, no trabalho analítico, a descarga necessária para que a subjetividade se liberte dessa estagnação e retome seu curso natural. Além disso, até esse momento, a teoria e as concepções freudianas apontavam para a regressão enquanto fenômeno intrapsíquico e contemplavam apenas o campo da psicologia unipessoal. Em outras palavras, o movimento regressivo de um indivíduo dizia respeito exclusivamente à sua própria subjetividade. Nesse sentido, tudo aquilo que se referia ao ambiente e que se encontra em relação com o sujeito que regride - como a relação analítica - não merecia a atenção ou até mesmo deveria ser afastado e controlado (Freud, 1910).

Entretanto, toda essa formulação teórica sobre o aparelho psíquico e a regressão é datada. Isso porque, no ano de 1914, no texto “Introdução ao narcisismo”, Freud efetua uma mudança importante em sua teoria. Até então, ele priorizava os conflitos estabelecidos no psiquismo entre libido do Eu e libido do objeto, isto é, os desejos sexuais estariam em conflito com a integridade do Eu. Porém, a partir de seu estudo sobre o Narcisismo (1914), percebeu que o Eu também ocupava um lugar investido libidinalmente, ou seja, que a pulsão sexual também investe o Eu eroticamente, tal qual um objeto. Assim, Freud viu sua primeira teoria pulsional tornar-se insuficiente, afinal, essa nova descrição apontaria não para um dualismo, mas para um monismo.

Além disso, a discussão iniciada em 1914 encontrou coró em novas observações. A partir do trabalho e das observações junto aos soldados combatentes da Primeira Guerra Mundial, Freud se atentou para aquilo que denominou de compulsão à repetição, fenômeno que percebeu em certos pacientes e que descreveu no texto de mesmo ano, “Recordar, repetir e elaborar”. O que fica claro nesse momento é que a descarga pelo prazer não se mostrava uma explicação suficiente para a compreensão das pulsões. Essa teoria, a do princípio do prazer, se apresenta questionável a partir de quatro fenômenos clínicos: a) a repetição na clínica por meio da transferência; b) os sonhos de repetição; c) o fort-da; d) o eterno retorno

(Freud, 1920, p. 182). Com isso, Freud percebe que a procura incessante por prazer não explica o todo, afinal, em todos esses casos, existe uma repetição de situações desprazerosas. “O que ainda nos resta é bastante para justificar a hipótese da compulsão à repetição, e esta quer nos parecer mais primordial, mais elementar, mais instintual do que o princípio do prazer, por ela posto de lado” (Freud, 1920, p. 184).

Em consequência disso, Freud se arrisca em modificar sua teoria, afirmando que o princípio do prazer só é viabilizado por assunções de representações. Por isso, quando o que foi vivido não pode ser simbolizado e representado, o movimento inconsciente é o de repetir até atingir uma representação. No que se refere aos sonhos de repetição, Freud afirma que seriam eles uma tentativa de “lidar retrospectivamente com o estímulo, mediante o desenvolvimento da angústia, cuja omissão tornara-se causa da neurose traumática” (Freud, 1920, p. 195). Trata-se, aqui, de uma experiência anterior e, portanto, distinta da relação prazer-desprazer afirmada até então. Freud afirma que existe, em nossa porção inconsciente do psiquismo, outro conflito que não se enquadra na noção de descarga e escoamento pulsional. Esse conflito se situaria entre a tentativa de ligação – uma força progressista – e a manutenção do desligamento, da desintegração, uma força conservadora e regressiva em sua essência.

Assim, Freud descreve e expõe um novo conflito, aquilo que ficou conhecido como a segunda teoria pulsional, isto é, a dinâmica entre pulsão de vida e pulsão de morte. A pulsão de vida sustenta a unificação das antigas pulsões sexuais e pulsões do Eu, enquanto a pulsão de morte representa uma frequência diferente do prazer, algo em torno de um esvaziamento absoluto do aparelho psíquico, de seu retorno ao inanimado. Em outras palavras, um movimento regressivo ao estado de nadificação que precede a vida. A esse respeito, Freud afirma que: “a necessidade de restabelecer um estado anterior” (Freud, 1920, p. 217). O que convoca o sujeito nesse novo conflito percebido e exposto por Freud é uma vontade de ligação, representada pelas pulsões eróticas, polarizada com o desejo de desligamento, marcado pela ausência de excitação.

Porém, Freud evidencia e pesquisa em sua ampla maioria as regressões de maneira intrapsíquica, isto é, sem pensá-la a partir do lugar da alteridade. Contudo, outros psicanalistas se interessaram por essa abordagem, valorizando a relação entre sujeitos que possibilitam e facilitam processos regressivos. Dessa forma, para que

possamos trazer e adequar a noção de regressão neste presente trabalho, precisaremos expor, mesmo que brevemente, as ideias principais de Sándor Ferenczi e Donald Winnicott.

Sándor Ferenczi, psicanalista húngaro, discípulo e contemporâneo de Freud, foi um dos pioneiros no desenvolvimento da noção de regressão pelo ponto de vista da relação objetal e interpessoal. Nesse sentido, as formulações de Ferenczi tiveram como ponto de partida justamente sua prática clínica e o fenômeno da contratransferência – que para esse autor tinha muita relevância, na prática de seu consultório. Refletindo acerca de certos casos graves nos quais Ferenczi percebia inúmeras características infantis, ele afirma: “Do que esses neuróticos precisam é de ser verdadeiramente adotados e de que se os deixe pela primeira vez saborear as bem-aventuranças de uma infância normal” (Ferenczi, 1929). Além disso, em *Thalassa* – psicanálise das origens da vida sexual, Ferenczi (1977) se aprofunda mais na problemática da regressão. “Sem ela a psicanálise não chega a nada” (1929, p. 289). Segundo o autor, é na transferência que irão ser instauradas as mais complexas manifestações regressivas e é possível possibilitar que isso ocorra a partir de uma postura por parte do analista.

Dessa maneira, Sándor Ferenczi se interessou e debruçou sobre o tema da regressão e em formas de suscitá-la em um atendimento clínico. Em “A confusão de língua entre os Adultos e a Criança: o idioma da tendência à formação de sintomas”, de 1932, o autor apresenta a importância de se construir um ambiente no qual seja possível ao paciente expressar determinados sentimentos e vivências infantis. Para que isso ocorra, ele se refere a determinadas atividades recreativas; nesta proposta, o analista assumiria um lugar mais ativo em relação à técnica clássica, se propondo, inclusive, a se envolver em propostas clínicas que possibilitem a evocação de certas emoções e memórias infantis daquele paciente.

Donald Winnicott também se interessa por essa sintomatologia regressiva e nos possíveis manejos terapêuticos. Assim, Winnicott valoriza ainda mais a relação dos movimentos regressivos com a presença do outro e os fenômenos que dali surgem. Diferentemente de Freud, não postula a regressão em oposto à ideia de progressão, e sim como ferramenta terapêutica para que se reviva experiências primevas de um lugar outro, não traumático, a partir de uma boa relação ambiental.

Quando falamos de regressão em psicanálise, estamos inferindo que existe uma organização do ego e uma ameaça de caos. Há uma



enorme oportunidade de estudo aqui para abranger o meio pelo qual o indivíduo armazena memórias, ideias e potencialidades. É como se houvesse uma expectativa de que condições favoráveis pudessem vir a se apresentar justificando a regressão e oferecendo uma nova chance para continuação do desenvolvimento, tornado impossível ou dificultado pelas falhas do ambiente (Winnicott, 1954, p.281).

Assim, Winnicott desenvolveu noções fundamentais a respeito do desenvolvimento emocional e da relação existente entre a mãe e seu bebê. Em seus trabalhos, ele apresenta a importância do ambiente facilitador para um desenvolvimento emocional saudável e, para a expressão de estados regressivos. O autor afirmou em seus estudos que, para possibilitar que um indivíduo acesse determinadas sensações e emoções, seria necessário um ambiente – que para esse autor se personifica na figura da mãe – seguro e confiável.

Partindo das originais ideias freudianas, as contribuições de Sándor Ferenczi e Donald Winnicott evidenciam a importância e a capacidade de influência vinda de outrem nos movimentos regressivos a partir, mas não apenas, do contexto clínico. Afirmam e discorrem sobre como a qualidade e o formato da relação entre indivíduos influenciam nos processos e vivências regressivas dentro do consultório ou mesmo em casa. Winnicott foi de fundamental importância para a compreensão de que a alteridade (ambiente) influencia diretamente o desenvolvimento emocional e como o estabelecimento de espaços seguros e confiáveis é determinante para que seja possível a expressão de estados regressivos de maneira efetiva e saudável.

Agora, para concluirmos nossa exposição dos conceitos centrais e fundamentais para essa discussão proposta, falaremos do vincular-se a partir do erotismo. Ao pensarmos a importância de outros indivíduos em nossa constituição, e valendo-nos da noção de vínculos libidinais, já supracitada, trabalharemos agora em cima da noção de libido.

### **3.4**

#### **Pulsão e Libido**

Desde o princípio de sua teoria e prática, Freud defende desde o princípio a problemática fundamentalmente dinâmica que articula esses conceitos expostos e trabalhados acima. Essa concepção demanda, conseqüentemente, uma dimensão

econômica desses mesmos conceitos. Como o próprio Freud afirma, sua teoria passou “da apresentação descritiva à concepção dinâmica, desta a uma concepção dita ‘econômica’” (Freud, 1916-17, p. 391). É a partir desse sentido, o econômico, que a noção de libido se faz protagonista.

Freud, em seu texto “O inconsciente” (1915), apresenta como conceito estruturante de seu campo clínico/teórico, aquilo que denominou de pulsão. Dessa forma, é importante ressaltar que esse conceito é apresentado por Freud como uma ficção teórica. Freud não tem a pretensão de erigir uma entidade que possua realidade ontológica, tais quais os conceitos fundamentais das ciências. A definição de pulsão proposta por Freud produz um furo.

Sua característica principal não é descrever a realidade, mas explicá-la (melhor seria dizer 'constituí-la'); não são retirados da realidade a partir da observação, mas criados com a finalidade de constituir uma nova inteligibilidade. (...) Mais do que corresponderem a 'dados', os conceitos fundamentais da ciência correspondem a interrogações. (Garcia-Roza, 2000, p. 80).

Na tentativa de explicitar esse complexo conceito, Freud busca na fisiologia alguns referenciais para embasar esse termo. Com isso, se vale do conceito de estímulo e o modelo do arco reflexo

Segundo o qual um estímulo aplicado ao tecido vivo (substância nervosa) a partir de fora é descarregado por ação para fora. Essa ação é conveniente na medida em que, afastando a substância estimulada da influência do estímulo, remove-a de seu raio de atuação (Freud, 1915, p. 124).

Entretanto, Freud não caminhou no sentido de uma equivalência entre pulsão e estímulo. Ele afirma que a pulsão é um estímulo da mente, tendo o trabalho de diferenciá-la de outros estímulos mentais que seriam apenas fisiológicos, como a luz que é direcionada aos olhos. Nessa distinção, afirma que, diferentemente dos demais estímulos, que têm sua origem no mundo externo, a pulsão se origina no interior do corpo. Essa origem localizada no interior do organismo é determinante para a segunda característica da pulsão. Assim, a forma da pulsão atuar na mente será diferente de um estímulo fisiológico que chega ao psiquismo, assim como a forma de resolvê-lo. Freud afirma que “tudo que é essencial num estímulo fica encoberto, se presumimos que ele atua com um impacto único, podendo ser removido por uma única ação conveniente” (Freud, 1915, p. 124).

Em oposição à ideia de estímulo, Freud apresenta a segunda característica fundamental da pulsão. Ele afirma que a pulsão “jamais atua como uma força que imprime um impacto momentâneo, mas sempre como um impacto constante” (Freud, 1915, p. 124). A pulsão é inescapável, ela é incessante e vem de dentro. Freud, então, refere-se à pulsão como necessidade e para eliminar a necessidade, é preciso produzir uma satisfação. Porém, essa busca pela satisfação não será pontual, única, uma vez que a pulsão é uma pressão inesgotável de necessidades.

Por um lado, estará cômico de estímulos que podem ser evitados pela ação muscular (fuga); estes, ele os atribui a um mundo externo. Por outro, também estará cômico de estímulos contra os quais tal ação não tem qualquer valia e cujo caráter de constante pressão persiste apesar dela; esses estímulos são os sinais de um mundo interno, a prova de necessidades instintuais. (Freud, 1915, p.125).

Assim, desenha-se a natureza fundamental das pulsões: “sua origem em fontes de estimulação dentro do organismo e seu aparecimento como uma força constante - e disso deduzimos uma de suas outras características, a saber, que nenhuma ação de fuga prevalece contra eles” (Freud, 1915, p. 125). Porém, Freud vai além, tentando esmiuçar de forma mais detalhada esse conceito fundamental para sua obra.

Na tentativa de melhor compreender a finalidade da pulsão, Freud diz que “o sistema nervoso é um aparelho que tem por função livrar-se dos estímulos que lhe chegam, ou reduzi-los ao nível mais baixo possível; ou que, caso isso fosse viável, se manteria numa condição inteiramente não-estimulada” (Freud, 1915, p.125). Aqui conseguimos compreender por que a ideia de arco reflexo é incapaz de dar conta desse conceito. Os estímulos externos exigem do organismo uma atividade de fuga; ao encontrar o movimento muscular que garantirá sucesso para essa tarefa, o organismo guardará essa resposta adequada e passará a aplicá-la quando estiver frente a esse mesmo estímulo. Por outro lado, a pulsão, por se originar no interior do organismo, faz com que qualquer tentativa de fuga seja eficiente. A pulsão demanda do organismo outro comportamento de resposta ao seu surgimento.

Nesse ponto, a discussão sobre o que fazer e como solucionar os estímulos está baseada, para Freud (1911), na problemática do binômio prazer-desprazer. Para

ele, desprazer seria sinônimo de excitação, e possibilidade de prazer se daria na maior redução possível desse estado de excitação.

Ainda interessado na melhor descrição de seu conceito, Freud (1915) estabeleceu uma série de características acerca desse conceito. O psicanalista define, então, quatro elementos que caracterizam aquilo que chamou de pulsão, sendo eles as noções de: pressão, finalidade, objeto e fonte. A característica de exercer pressão é comum a toda pulsão, a pressão constitui a medida de trabalho que ela representa, sua força principal. Como finalidade de uma pulsão, temos a necessidade de satisfação, em outras palavras, a busca da eliminação da excitação pulsional em sua fonte para proporcionar prazer. Mesmo compartilhando da mesma finalidade, as pulsões podem buscar diferentes caminhos para a sua satisfação. Esses caminhos de infinitas possibilidades apontam para o objeto da pulsão, sendo o meio pelo qual a pulsão buscará alcançar sua finalidade. Esse objeto não está ligado à pulsão de maneira inata, ele é escolhido conforme é utilizado e bem-sucedido na satisfação. Por esse motivo, um objeto que servia para essa satisfação pode ser trocado por outros ao longo da vida de um indivíduo.

Por fim, a fonte da pulsão, como exposto acima, é somática, nas palavras de Freud, “o processo somático que ocorre num órgão ou em uma parte do corpo e do qual se origina um estímulo representado na vida psíquica por uma pulsão” (Freud, 1911, p. 49). Não obstante, Freud percebe que a psicologia por si só seria incapaz de descrever e se aprofundar na fonte das pulsões.

O estudo das fontes das pulsões está fora do âmbito da psicologia. Embora as pulsões sejam inteiramente determinadas por sua origem numa fonte somática, na vida mental nós os conhecemos apenas por suas finalidades. O conhecimento exato das fontes de uma pulsão não é invariavelmente necessário para fins de investigação psicológica; por vezes sua fonte pode ser inferida de sua finalidade (Freud, 1915a, p. 129).

É justamente nessa variabilidade de objetos da pulsão que a problemática entre pulsão e instinto se configura. Embora a teoria freudiana do apoio dê margem a relação entre a pulsão e o instinto, isso não aponta, na obra do psicanalista, para uma unificação ou equiparação destes conceitos. Nesse sentido, Garcia-Roza é claro em sua afirmação: “A pulsão é fundamentalmente uma perversão do instinto” (Garcia-Roza, 1996, p. 16). Sendo assim, a pulsão subverte o instinto, desviando-o do objetivo natural de autoconservação, ou seja, sua finalidade não é natural e nem

prevista de antemão “O biológico sofre nela e por ela uma transformação radical” (Garcia-Roza, 1996, p. 16).

O termo libido também se refere a uma convenção teórica que estaria na base da noção termodinâmica da pulsão. Nos Três Ensaio sobre teoria da sexualidade (Freud, 1905), Freud distingue a libido das outras formas de energia psíquica pelo seu caráter qualitativo e a sua origem particular. A libido é entendida justamente por aquilo que ela não é: a energia sexual distinta da energia das pulsões de autoconservação, na primeira teoria pulsional, ou, posteriormente, das pulsões de morte.

Logo, como o próprio Freud afirma, “Libido é um termo vindo da doutrina das pulsões, já utilizado nesse sentido por A. Moll (1898) para designar a expressão dinâmica da sexualidade, introduzida na psicanálise pelo autor destas linhas” (Freud, 1923a, p. 204). Assim, concluímos que a libido corresponderia ao aspecto econômico, articulado sempre ao ponto de vista dinâmico, oferecendo às pulsões uma característica que permite explicar as infinitas intensidades e deslocamentos de seus investimentos. Nas palavras de Freud: “Foram primeiramente objeto de nosso estudo somente as pulsões sexuais cuja energia nós chamamos de libido” (Freud, 1933a, p. 179). Assim, na construção de sua primeira tópica, o conceito de libido referia-se exclusivamente à energia da pulsão sexual, estando sempre em conflito com a pulsão de autoconservação.

Um pouco mais tarde, em sua reformulação para desenvolver sua teoria na direção do que ficou conhecida como segunda tópica, libido passou a ser sinônimo de pulsão de vida, sinônimo de Eros. Freud, então, chamou de libido a energia considerada como uma magnitude quantitativa daqueles instintos que têm a ver com tudo o que pode ser abrangido sob a palavra “amor” (Freud, 1921).

Foi justamente a partir dessa perspectiva, a do amor, que Freud ampliou de forma original e absolutamente relevante a discussão vigente sobre aquilo que ficou conhecido como a formação de grupos, massas ou multidões. Mais especificamente, é no amor que ele vai justificar o tipo de vínculo que se estabelece entre e transforma os integrantes de uma massa, tanto entre os indivíduos subordinados, como estes em relação ao líder. Para ele, o que manteria os indivíduos associados à massa, abdicando de seu narcisismo e demandas pessoais, seriam os vínculos libidinais estabelecidos entre eles. Porém, essa característica é válida para qualquer tipo de relação humana, seja ela familiar, de amizade ou sexual.

Com isso, destaca-se que o que diferencia as massas aqui trabalhadas de outros tipos de vinculação humana é justamente a presença de uma figura de liderança, ou mesmo de uma ideia, que rege os associados a uma massa, ligados por um vínculo erótico. Uma imagem que me agrada nesse sentido é a construção de uma residência; os integrantes de uma massa seriam representados pelos tijolos, e a libido, o cimento que os une. Contudo, cimento e tijolos não formam nada sem organização, que garantirá uma estrutura firme para todos esses tijolos enfileirados e empilhados será um bom planejamento e execução, pensado e direcionado por um mestre de obras que, nesse caso, seria a representação do líder.

Retornaremos a essa metáfora logo mais, no próximo capítulo, quando formos discutir as formas de manejo que um líder precisa praticar e compreender para ocupar efetivamente esse lugar para aqueles indivíduos. Afinal, são necessárias certas características e atividades para que um grupo de pessoas, inicialmente completamente diferentes, faça de um indivíduo específico sua centralidade. Para começar a entender esse lugar, precisaremos, antes, falar do valioso conceito trabalhado por Freud ao longo de sua obra e que já deteve muitos significados: a transferência.

#### 4. A transferência ao líder

(...) devemos nos dar conta de que abandonamos a hipnose em nossa técnica apenas para redescobrir a sua sugestão sob a forma da transferência. (Freud, 1916, p. 591).

De acordo com Freud (1912), transferir é, antes de tudo, uma capacidade humana por excelência, presente não só na relação analítica, mas em todas as relações humanas. Sendo assim, configura uma tendência espontânea, irreduzível e fundante, que diz respeito a uma alteridade subjetivada, à qual antecipadamente nos sujeitamos, atendendo a um vínculo imanente e imediato. Na vida cotidiana, tais manifestações transferenciais constituem um aspecto importante, que se manifesta, por exemplo, da influência que exerce a professora sobre os alunos, o político sobre os eleitores, o médico sobre os pacientes, o analista sobre o analisando e, também, o líder sobre uma massa. São as mesmas manifestações que em todas as épocas sustentaram e animaram as práticas curativas dos feiticeiros, dos xamãs, dos fazedores de milagres, de todas as religiões, dos hipnotizadores e de tantos outros que na atualidade praticam o que genericamente chamamos de psicoterapia.

Porém, na situação analítica, por conta de seu formato de funcionamento, a transferência ganha destaque, tornando-se absolutamente fundamental para a terapêutica proposta e inventada por Freud. Em seu texto “A Dinâmica da Transferência”, Freud (1912, p. 133) tenta elucidar como a transferência não só é necessariamente ocasionada, mas também valorizada durante o tratamento psicanalítico. Freud assume, no entanto, não compreender o porquê de a transferência ser tão mais intensa nos indivíduos neuróticos que se encontram em análise do que em outros neuróticos que não estão sendo analisados. Isso o leva a afirmar, ainda no mesmo texto, que as “características da transferência, portanto, não devem ser atribuídas à psicanálise, mas sim à própria neurose” (Freud, 1912, p. 136). Mas antes de iniciarmos a discussão em torno desse fenômeno, retornemos à construção da noção desse conceito - que não se iniciou em Freud - tão valioso para a discussão desse presente trabalho.

## 4.1

### Uma breve genealogia do conceito de transferência

O interesse de Charcot pela prática hipnótica se inaugura a partir de sua participação como presidente na comissão investigadora promovida pela *Société de Biologie*, para avaliar e determinar o grau de veracidade dos trabalhos de Burq sobre a metaloscopia e na metaloterapia (Chertok, 1979). Ao acompanhar certas experiências de Burq, conseguiu perceber e registrar uma determinada prática que ele mesmo utilizou, posteriormente, no seu trabalho junto às pacientes histéricas.

Há outro fenômeno do qual quero que sejam testemunhas, desconhecido para Burq, e que é suscetível de estabelecer que não todos os fenômenos dos que falamos podem interpretar-se como um estado que às vezes os fisiólogos ingleses designam com o nome de atenção expectante: o fenômeno da transferência (Charcot, 1890, p. 237).

A transferência (*transfert*), nesse caso, consistia no deslocamento da contratura ou paralisia de um membro para seu oposto, o que foi denominado por Charcot de “anestesia metálica”. Dessa forma, o médico conseguia impedir que o membro lesado fosse deteriorado em definitivo, pois, com essa transferência, seria possível começar uma reabilitação. Foi justamente essa capacidade do sintoma de transferir-se que elucidou Charcot no estabelecimento de uma diferença entre quadros orgânicos e quadros histéricos. No decorrer de sua pesquisa, muitos materiais foram utilizados para que se conseguisse esse efeito de deslocamento desejado, mas em 1878, Charcot consegue esse efeito a partir da própria hipnose.

Como sabemos, os estudos realizados por Charcot interessaram profundamente o jovem Sigmund Freud. Apesar de discordâncias capitais, as visitas do austríaco ao hospital de La Salpêtrière foram determinantes para o desenvolvimento de sua teoria e prática. Assim, Freud parte dessa conceituação de base bastante fisiológica – a transferência de um membro para o outro, por exemplo – e aplica à sua metapsicologia a partir de uma noção mais subjetiva e simbólica.

Dessa maneira, em um primeiro momento, mais precisamente em torno do célebre texto “Interpretação dos sonhos”, o termo transferência era utilizado por Freud em sua forma plural para demonstrar e afirmar que o conteúdo recalcado não se mostrava diretamente, apenas indiretamente e por representações alusivas. O inconsciente recalcado aparecia sempre deslocado ou, como apresenta Freud nesse



momento, *transferido*. Portanto, as transferências são, nesse primeiro sentido, reedições, reimpressões das representações recalçadas, deflagrando a dinamicidade do inconsciente a possibilidade de que representações recalçadas deem lugar a formações variadas do inconsciente (Freud, 1900). Para isso, elas operam a partir de mecanismos específicos como a substituição, os remanejamentos em cadeia, no qual uma representação assume o lugar de outra. Podemos afirmar, em outras palavras, que essas transferências expostas por Freud constituem, em suma, novas edições do próprio desejo inconsciente.

Ainda em sua obra de 1900 o psicanalista expõe o conceito de sobredeterminação ou determinação múltipla, desenvolvido primeiramente nos “Estudos sobre a histeria” (Freud, 1893-1895), no qual apresenta a ideia de que o trabalho de deformação permite a “transposição” (Freud, 1900, p. 296) do material inconsciente para outros elementos mais atuais, transferindo para eles a intensidade psíquica daquilo que é importante e determinante na história daquele sujeito. Tal conteúdo, por mais insuportável ou rejeitável que seja, é transposto para elementos indiferentes à história do indivíduo, esclarecendo dessa forma a relação entre aquilo que denominou de conteúdo latente e o conteúdo manifesto. Dessa maneira, conforme transmite Freud (1900), o conteúdo latente é aquele que carrega o material constitutivo, importante para aquele sujeito, mesmo que seja insuportável. Além disso, uma vez que carrega o desejo inconsciente, é sobre ele que a resistência incide, deslocando e transformando-o em sua fonte. Logo, conclui Freud, o que sofre o processo de transferência, tal qual exposto até aqui, é o próprio desejo.

Deste modo, uma vez transferido e transformado pelo deslocamento, os pensamentos inconscientes são transcritos na consciência, com sua intensidade em termos econômicos. “Quando consideramos o trabalho do deslocamento nos sonhos, fomos levados a supor que as intensidades que se vinculam às ideias podem ser completamente transferidas pela elaboração onírica de uma ideia para outra” (Freud, 1900, p. 579). Assim, Freud apresenta a noção de transferência no texto de 1900, designando a passagem dessa quantidade psíquica energética de uma representação inconsciente determinante para uma consciente esvaziada.

É apenas em 1912, no texto a “Dinâmica da transferência”, que Freud enfim passa a usar o termo transferência no singular. Com isso, o conceito passa a ser definido pela forma na qual o sujeito se vincula com os demais, assim como com seu analista. A primeira descrição atribuída por Freud (1900) nesse sentido é a partir

da ideia de *falsas* conexões; ele percebia que, em seu consultório, os pacientes reatualizam afetos que teriam sua origem na relação com outras pessoas marcantes da vida daquele sujeito que se deita no divã. Assim, Freud constata que aquilo que fora destinado a ele no setting não dizia respeito à própria pessoa do analista e, por isso, começa por descrever esse fenômeno a partir de um endereçamento afetivo deslocado.

Dessa forma, em “A interpretação dos sonhos”. Freud (1900) constatou e defendeu a ideia de que o inconsciente é marcado por uma insistência de atualização das experiências e afetos vividos nas suas mais diversas formas. Em momento posterior de sua investigação, nota-se seu esforço no sentido de definir e estudar esse fenômeno ao longo de um tratamento terapêutico para, enfim, entender a transferência como um funcionamento humano comum, presente em todas as áreas da vida de alguém. Assim, por tratar-se de um re-sentir, reatualizado, expõe-se intuitivamente o caráter regressivo dessa experiência que tem como característica uma sobreposição dos afetos de outrora com figuras, personagens e objetos presentes. Por conta disso, essa característica, marcada por essa temporalidade regressiva, nos servirá para entender a forma como o líder de uma massa se vale desse fenômeno para ocupar o lugar potente e centralizado do qual ele goza.

## 4.2

### O líder e o Ideal do Eu

Como enunciado anteriormente, Freud vai além das reflexões de Le Bon e McDougall acerca do líder. Assim, embora o psicanalista corrobore com a importância dessa figura defendida pelos autores, afirma que essa centralidade não se justifica apenas com os dois fatores expostos – a sugestão mútua e o prestígio. Nesse sentido, Freud (1921) afirma que ambos não se dispuseram suficientemente a pensar e descrever o lugar do líder nesse fenômeno e, portanto, não deram conta de todas as características e peculiaridades desse lugar na manutenção de uma massa. Dessa maneira, para melhor compreender essa relação específica, Freud começa introduzindo as questões relativas à hipótese da existência de uma possível horda primeva, influenciando os destinos de toda a sociedade humana. Ele diz:

Os grupos humanos apresentam mais uma vez o quadro familiar de um indivíduo de força superior em meio a um bando de companheiros iguais [...] A psicologia de um grupo assim, como o conhecemos a partir das descrições a que com tanta frequência nos referimos, o definhamento da personalidade individual consciente, a focalização de pensamentos e sentimentos numa direção comum, a predominância do lado afetivo da mente e da vida psíquica inconsciente, a tendência à execução imediata das intenções tão logo ocorram: tudo isso corresponde a um estado de regressão, a uma atividade mental primitiva, exatamente da espécie que estaríamos inclinados a atribuir à horda primeva (Freud, 1921, p. 133).

Para dar continuidade e aprofundamento a esse “estado de regressão”, Freud (1921) se vale do conceito de identificação e toma como referência duas formações de massa, o exército e a igreja. Nesse sentido, Freud se dedica a pensar os dois formatos de identificação que ocorrem em uma massa, sendo eles; as *identificações horizontais*, definidas pela vinculação de mesmo grau e intensidade daqueles que participam homogeneamente do grupo formado - tal como os irmãos da horda primeva, e as *identificações verticais*, que dizem respeito ao vínculo entre os componentes da massa com a figura central do líder, ao chefe, enfim, à figura substituta do pai da horda primeva (Freud, 1913).

Além disso, Freud (1921) sugere três possibilidades referentes ao processo de identificação. A primeira delas, a identificação primária, é responsável por uma função prévia ao próprio complexo de Édipo. Nesta, a criança situa um de seus cuidadores como ideal (Freud, 1921, p. 133); ela quer ser como a figura que a cuida. Além disso, a segunda forma de identificação exposta por Freud é pensada da mesma maneira como é pensado o sintoma neurótico. Freud (1921), nesse momento, exemplifica sua afirmação a partir do caso de uma menina que desenvolve exatamente o mesmo sintoma que a mãe, uma tosse. Conforme aponta o psicanalista, essa identificação é derivada do momento edípico, representando sintomaticamente a porção hostil de identificar-se com um de seus cuidadores, isto é, querer tomar o objeto de desejo. Em outras palavras, nesse caso, a tosse representa o amor pelo pai e, sob a influência do sentimento de culpa, o desejo de assumir o lugar da mãe é atendido pela identificação. Por outro lado, o sintoma pode ser o mesmo que o da pessoa amada. Freud, nesse mesmo ensaio, retoma o sintoma de Dora (caso publicado em 1905) – a imitação da tosse do pai, como ilustração dessa identificação. Nesse caso, pode-se afirmar “*que a identificação apareceu no lugar da escolha de objeto e que a escolha de objeto regrediu para a identificação*”

(Freud, 1921, p. 135). Nesse sentido, essas identificações destinam-se a internalizar um só traço do objeto, por meio do processo de regressão.

Por fim, o terceiro e último formato de identificação exposto por Freud, nos interessa particularmente para essa presente discussão; nesse caso, não há uma relação objetual libidinal prévia com a pessoa com a qual outra se identifica. Como exemplo deste tipo de identificação, ele apresenta o caso de uma mulher, residente de um internato, que recebeu uma carta de seu amado. Ao lê-la, produz-se uma crise histérica que, de maneira surpreendente, conduz outras internas ao mesmo destino. Freud diz que, ali, houve uma infecção mental (Freud, 1921). Nesse terceiro caso, o mecanismo da identificação está baseado no desejo de ocupar o mesmo lugar. Em outras palavras, as outras mulheres também queriam receber uma carta de seu amor, isto é, também queriam ser amadas.

Dessa forma, conclui-se que é possível entender a identificação primeiramente exposta como uma “forma original de laço emocional com um objeto” (Freud, 1921, p. 135); em segundo, apresentada regressivamente “como sucedâneo para uma vinculação de objeto libidinal” (1921, p. 135) a partir da introjeção do objeto no ego; e por fim, surgindo “com qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto de instinto [da pulsão] sexual” (1921, p. 136).

Fica claro, assim, o porquê da terceira modalidade de identificação despertar maior interesse de Freud e atribuir a ela a responsabilidade pela formação das massas, isto é, por efetuar a ligação libidinal entre os membros de um grupo. A respeito desse formato, Florence (1994) afirma que:

pode nascer a cada vez que é percebido um ponto em comum com uma pessoa que não é objeto sexual, e quanto mais essa comunhão é significativa, mais essa identificação parcial pode criar novos laços sociais (a relação com o chefe, a simpatia e toda forma de compreensão, mesmo intelectual) (Florence, 1994, p. 136).

A hipótese central de Psicologia das Massas e análise do Eu (1921) é a de que a formação dos grupos encontra justificativa mediante esse processo de identificação que ocorre entre seus integrantes, a esse respeito, Freud diz:

Já começamos a adivinhar que o laço mútuo existente entre os membros de um grupo é de natureza de uma identificação desse tipo, baseada numa importante qualidade emocional comum, e podemos suspeitar que essa qualidade comum reside na natureza do laço com o líder (Freud, 1921, p. 136).

Em uma tentativa de melhor elucidar essa “importante qualidade comum”, Freud retoma uma discussão que embasa sua metapsicologia. Ele nos relembra (1923) que esse Eu, que se constitui a partir da relação com outros, é dividido em instâncias psíquicas, sendo elas sempre contraditórias, ambivalentes e conflitantes entre si. Com o intuito de aprofundar essa discussão, destaca uma dessas instâncias que constituem nosso psiquismo e que será fundamental para entendermos o lugar ocupado pela figura de liderança em uma formação de massa: o Ideal do Eu.

No texto “Sobre o narcisismo: uma introdução”, de 1914, Freud afirma que o Ideal do Eu é uma instância formada a partir do complexo de Édipo, e representa uma substituição simbólica de um narcisismo primário. Dessa maneira, estabelecemos um ideal de como devemos ou deveríamos ser, tendo como modelo outrem – seja algo, alguém, uma ideia ou um valor – para podermos autorizar em nós mesmos nossos próprios desejos. Assim, o Ideal do Eu atua como substituto da relação primária da criança com seus pais, que até aquele momento existiam para ela como autoridades absolutas e dotadas de plena potência (Freud, 1914).

Em um segundo momento, uma vez que essas figuras parentais decaem sendo percebidas em sua mortalidade e mediocridade, o Ideal do Eu nos empurra para encontrarmos substitutos que servirão agora como base de admiração, as quais irão guiar nossa forma particular de amar. Portanto, o Ideal do Eu se constitui a partir da influência e admiração exercida pelas autoridades, como os pais, mestres e professores, que servem, conseqüentemente, de modelo para o processo de identificação do indivíduo com a cultura (Freud, 1914). Em outras palavras, o Ideal do Eu se apresenta no pensamento freudiano como uma instância fundamental a partir da qual o sujeito afasta-se do narcisismo primário, indo em direção às identificações secundárias a partir das quais o sujeito construirá uma forma de satisfação nas características idealizadas e introjetadas na dinâmica edipiana.

O desenvolvimento do ego consiste num afastamento do narcisismo primário e dá margem a uma vigorosa tentativa de recuperação desse estado. Esse afastamento é ocasionado pelo deslocamento da libido em direção a um ideal do ego imposto de fora, sendo a satisfação provocada pela realização desse ideal” (Freud, 1914, p. 106).

Em “Psicologia das Massas e análise do eu” (Freud, 1921), Freud destaca, no capítulo sobre a identificação, o lugar do pai na construção do Ideal do Eu. Esse vínculo, marcado pela ambivalência, tem como núcleo a ocupação do lugar do pai

na dinâmica familiar, em detrimento do desejo da mãe. Essa ambivalência se confirma pelo fato de ser vivenciada tanto a admiração do filho por esse pai, como a interferência deste no percurso pulsional da criança com sua mãe. Assim, o destinatário do desejo da mãe é tomado como ideal por seu filho e, portanto, se faz base principal da identificação.

No escrito *Totem e Tabu*, Freud (1913) localiza esta ambivalência na relação da criança com seu pai, afirmando que, na sua origem, está a fantasia de parricídio. Essa fantasia, segundo Freud, localiza a função paterna como organizadora psíquica, concretizando assim a impossibilidade de o infante satisfazer-se incestuosamente. Dessa forma, para Freud, como já exposto nesse trabalho, a civilização humana se funda no assassinato do pai da horda primeva, instaurando, a partir disso, uma renúncia à satisfação irrestrita em torno do sentimento de culpa.

Alguns anos mais tarde, em “*Novas Conferências Introdutórias sobre psicanálise*”, Freud (1933) define o Ideal do Eu como o resultado de uma relação amorosa que instaura a autoridade paterna. Em outras palavras, o sujeito se submete ao pai com o intuito de não perder seu amor, identificando-se a ele e mantendo-o no lugar do ideal, preservando sua autoridade. Nesse sentido, a fantasia de parricídio é, segundo Freud, a precondição para que a ambivalência destinada à figura paterna sirva de matéria-prima para a identificação ao Ideal do Eu. Dessa forma, a figura paterna possibilita uma saída de identificação da criança na cultura, afastando o sujeito de seu narcisismo infantil.

Outro ponto a se destacar dessa discussão é que o Ideal do Eu atua sempre em articulação com o Super Eu (Freud, 1922), instância de bastante destaque e importância na teoria freudiana. No entanto, Freud transmite que essas instâncias se diferenciam uma da outra. Isso porque, enquanto o Super Eu nos aponta para as proibições e imperativos imediatistas moldando nossa noção de moralidade, o Ideal do Eu, aquele que nunca poderá ser plenamente satisfeito, nos indica e aponta como se deve ser para poder possibilitar e vivenciar seus desejos. Nesse sentido, o Super Eu é articulado ao Ideal do eu uma vez que, retornando ao texto “*Novas conferências introdutórias*” Freud (1933) afirma que o Supereu é o herdeiro do complexo de Édipo concebido como medida avaliativa sobre o eu, tendo como parâmetro o próprio Ideal, formando uma equação potencialmente rigorosa.

Nesse ponto, uma problemática se apresenta: com base na assertiva de que o lugar ocupado pelo líder corresponde ao Ideal do Eu comumente compartilhado entre os membros do grupo e que esse fenômeno justifica a identificação que ocorre em uma massa, como compreender, afinal, o fato de que, ao longo da história, muitos grupos elegeram como seus respectivos líderes sujeitos que, partindo dos pressupostos da ética e da moralidade, seriam vistos mais como algozes do que como heróis ideais propriamente? Como atribuir a esse objeto uma equivalência ao Ideal do Eu, partindo do pressuposto metapsicológico de que esta instância, assim como o Super Eu, é derivada da travessia edípica e, portanto, constitui a socialização a partir das tradições que a civilização impõe a todos os seus membros? Freud, em uma tentativa de melhor compreensão a esse respeito, escreve que

[...] em muitos indivíduos, a separação entre o Eu e o Ideal do Eu não se acha muito avançada e os dois ainda coincidem facilmente; o ego amiúde preservou sua primitiva autocomplacência narcisista. A seleção do líder é muitíssimo facilitada por essa circunstância. Com frequência precisa apenas possuir as qualidades típicas dos indivíduos interessados sob uma forma pura, clara e particularmente acentuada, necessitando somente fornecer uma impressão de maior força e demais liberdade de libido [...] (Freud, 1921, p. 139).

Dito isso, Freud afirma que uma massa se forma quando os indivíduos, sejam eles quais forem, colocam um mesmo objeto, seja uma ideia, um valor ou mesmo uma pessoa, o líder, como seu Ideal do Eu e, conseqüentemente, identificam-se entre si (Freud, 1921). Importante destacar nesse momento que, por mais que existam muitos pontos de interseção entre a figura do líder e o psicanalista, não se trata, no fenômeno presente nas massas, de uma projeção da imago paterna propriamente – como ocorre, por exemplo, no consultório dentro da relação transferencial – mas sim, como afirmado, uma projeção de ideal.

Para Freud (1921), a relação dos indivíduos relacionados horizontalmente na massa remonta à relação entre os irmãos que se submetiam e obedeciam – de maneira ambivalente – ao pai tirânico do mito de Totem e Tabu (1913). Assim, Freud (1921) aponta para o fato de que, em alguma medida, tanto a horda primeva quanto a massa estão sempre articuladas com a dinâmica entre o Eu e o Ideal do Eu.

O caráter inquietante e compulsivo da formação da massa, evidenciado em seus fenômenos de sugestão, pode então ser remontado, com justiça, à sua origem a partir da horda primeva. O líder da massa continua a ser o temido pai primordial, a massa ainda quer ser dominada com força irrestrita, tem ânsia extrema de autoridade, ou, nas palavras de Le Bon, sede de submissão. O

pai primevo é o ideal da massa, que domina o Eu no lugar do ideal do Eu (Freud, 1921, p. 91).

Portanto, para que efetivamente ocupe esse lugar valoroso, o líder, assim como o pai primordial, experimenta, na vivência comum da massa, uma espécie de sobreposição entre as duas instâncias: seu Ideal do Eu e seu Eu, gerando a sensação e o sentimento de uma força incomensurável para os outros, reconhecida e espelhada a partir da identificação entre os demais integrantes. Diante disso, podemos interrogar de que forma um indivíduo consegue construir uma imagem de si e uma personalidade que possibilite a ocupação desse lugar centralizador e idealizado diante de uma massa?

### 4.3

#### O manejo da transferência ao líder

(...) conhecer a arte de impressionar a imaginação das multidões, é conhecer a arte de governá-las” (Le Bon, 1885, p.70).

Como exposto no segundo capítulo, para a manutenção dos vínculos libidinais na massa formada, é necessário preservar as ditas identificações horizontais - formada entre os componentes - e verticais - estabelecida na identificação desses com o líder. Para isso, é esperado que aquele que ocupa o lugar de liderança administre essas forças e catexias presentes nesse fenômeno, com o intuito de prolongar tanto aquela formação como seu lugar de poder adquirido. Além disso, também constatamos que os membros de uma massa se encontram em um determinado estado psíquico, estabelecido a partir das identificações. Nesse sentido, podemos inferir que o indivíduo, sob a pressão dos conflitos psíquicos que o constituem, quando próximos daqueles com que convive, busca inconscientemente diminuir suas peculiaridades, visando garantir, em última instância, sua segurança e sobrevivência no mundo que, constantemente, nos frustra e nos ameaça, como observado por Freud em seu texto de 1921. Assim, os componentes da massa identificam-se entre si, tendo como ponto de interseção a figura idealizada do líder que, de maneira mais ou menos distorcida, possibilita a propagação desse sentimento.



Acompanhando o pensamento freudiano, entendemos que os indivíduos se identificam com aqueles que se relacionam de modo mais aproximado com o mesmo objeto de seu amor, o líder, em uma tentativa comum de adquirir as características deste objeto. Vale ressaltar que esse processo de identificação não escapa a ambivalência; está relacionada tanto ao ódio – que se expressa na divisão do afeto do objeto amado e mesmo na inveja do poder depositado no líder – quanto ao amor – referido aos vínculos eróticos e ao sentimento de pertença e segurança proporcionado pelo fenômeno da massa. Dito isso, o que garantirá, então, a permanência e a estabilidade do grupo serão justamente a administração destes laços eróticos ambivalentes entre seus componentes e destes com o líder.

Nesse sentido, Freud afirma que "[...] a identificação esforça-se por moldar o próprio ego de uma pessoa segundo o aspecto daquele que foi tomado como modelo" (Freud, 1921, p. 116). Concluímos, assim, que absorver e introjetar no próprio ego as características do objeto seria um aspecto importante no processo de identificar-se. Com a função de comparação, no enamoramento, outro tipo de vinculação apontada por Freud, o sujeito também coloca o objeto no lugar de Ideal, o que tem como consequência que, nesse processo, o Ego seria praticamente consumido pelo objeto, estando absolutamente submisso a ele (Freud, 1921). A esse respeito, Freud afirma que "[...] traços de humildade, de limitação do narcisismo e de danos causados a si próprios ocorrem em todos os casos de estar amando" (Freud, 1921, p. 123). Nesses casos, percebe-se que o objeto substitui o Ideal do Eu do indivíduo que ama, assemelhando-se aquilo que se presentifica na vinculação da massa ao seu líder. Porém, cabe acrescentar aqui a diferença fundamental entre esses dois fenômenos que marca uma característica basal da transferência ao líder e que representa um dos aspectos mais importantes desse manejo: a idealização do objeto de amor, quando vivido em uma massa, tem as finalidades estritamente sexuais transformadas em pulsões inibidas em suas metas, levando ao estabelecimento de laços mais duradouros entre os indivíduos. Nesse sentido, Freud ensina que

Esses instintos sexuais inibidos em seus objetivos possuem uma grande vantagem funcional sobre os desinibidos. Desde que não são capazes de satisfação realmente completa, acham-se especialmente aptos a criar vínculos permanentes, ao passo que os instintos diretamente sexuais incorrem numa perda de energia sempre que se satisfazem [...] (Freud, 1921, p. 149).

Assim, o objeto que ocupa o lugar idealizado tem a tarefa de impulsionar os indivíduos, a partir da satisfação incompleta de seus desejos sexuais, para o trabalho conjunto. Contudo, ainda que essa libido tenha sido desviada em parte de suas finalidades sexuais, tal alteração do objetivo não a torna menos desejante; apenas passa a centralizar-se em torno do líder enquanto ideal e, conseqüentemente, da massa instaurada e seus referenciais.

Há outra interseção entre o enamoramento e a formação de massas que também nos ajuda a pensar as atividades e ações por parte do líder: a limitação do narcisismo. Assim, capacidade do líder de abdicar de seus investimentos narcísicos é explicada por Freud a partir da percepção de que os vínculos libidinais estabelecidos entre os integrantes são de qualidade regressiva – mas especificamente edípica – e, como tal, demandam cuidados, atenção direta e muito investimento. Nesse sentido, opera-se a permuta de seu narcisismo desejante a partir do sentimento assegurado de ser amado por seu líder e de pertencer ao grupo. Para que ocupe esta posição, o líder necessita demonstrar e endereçar seu amor para aqueles que o admiram e idolatram. A esse respeito, Goldenberg é objetivo ao afirmar que: “A causa da massa, assim como da conduta irracional e passional dos que a compõe, deve ser procurada no amor; no amor pelo Führer, com o tesão sublimado como motor” (Goldenberg, 2014, p. 54).

Além disso, Freud (1921) chamou a atenção para as consequências imediatas do desprezo aos laços libidinais na massa, tomando como exemplo o Exército e a fragilidade emocional de seus vínculos constituídos a partir de um rigoroso e violento tratamento de seus oficiais. Freud observa que, durante situações de guerra, quando confrontados com o medo e o pânico coletivo, os indivíduos perdem sua referência organizadora, geralmente representada pelo comandante. Nesse contexto, eles passam a se concentrar apenas em sua própria sobrevivência, o que mina o efeito de coesão do grupo – um elemento crucial para a eficácia do exército em campo de batalha. Como resultado, o grupo se desorganiza e se desintegra, perdendo sua identidade e função coletiva. Tal observação revela, nos explica Freud (1921), um afrouxamento dos laços libidinais que mantinham o grupo unido e, em consequência disso, a própria ilusão idealizada do amor ao líder se desfaz.

Outro fator apontado por Freud em seu trabalho de 1921 que também silenciaria os investimentos narcísicos de cada integrante seria justamente a

multiplicidade e a sincronia desse processo de identificação e idealização, que acaba intensificado pelos integrantes que constituem uma massa. Assim, aquele grupo específico de pessoas que se identificou a partir do concomitante investimento no mesmo objeto também faz pressão sobre cada indivíduo.

Assim, como vimos, o líder precisa possuir um poder efetivo em oferecer recompensas aos membros do grupo ou pelo menos se fazer de mediador das recompensas entre os indivíduos e algum motivo maior, como Deus, por exemplo. Nesse sentido, todo o poder de legitimação e referência que atribuem a ele levaria os membros do grupo a aceitarem suas decisões sem revolta e de forma resignada. Tal aspecto justifica que indivíduos aceitem, por exemplo, pôr um fim nas próprias vidas por um “objetivo maior”, obedecendo às ordens de uma pessoa específica.

Ainda na reflexão sobre essa relação específica entre o indivíduo da massa e o líder, Freud também aponta para a noção – já apontada anteriormente nesse trabalho – de que o bem comum e primeiro da massa é o desejo de obediência de cada membro. Essa característica, segundo Freud, se articula diretamente com o caráter regressivo das relações ali estabelecidas. Portanto, a vontade do líder de controlar a multidão é sempre secundária ao desejo infantil de submissão da massa a uma figura provida de determinadas características. Em consonância a isso, Goldenberg afirma que:

O bem comum da massa é o desejo de obediência a um líder. Não é, portanto, a vontade do tirano que submete a multidão, mas antes esta última que dá a si própria um ditador provido de uma vontade de ferro. Por estranho que pareça, o grupo fabrica para si o líder de que precisa (Goldenberg, 2014, p.50).

Assim, podemos afirmar que cabe ao líder fomentar e sustentar esse desejo de obediência. Não por acaso, afirma Ricardo Goldenberg (2014), quando o líder não mais deseja ocupar essa posição ou passa a demonstrar outras ideias e valores incompatíveis com outrora, rapidamente uma nova figura será erigida ao lugar central dessa massa para que se perpetue o lugar de quem obedece e se submete a um ideal.

Além disso, Freud também nos indica que estar submetido a comandos de outrem acaba por gerar um sentimento de desresponsabilização, também importante para compreendermos o ganho secundário à perda do narcisismo. Quando se obedece a um ideal externalizado pela figura de um líder, também se distancia no juízo moral e do senso de responsabilidade adquiridos pelos membros da massa ao

longo de sua constituição subjetiva, ampliando as possibilidades de gozo. Nesse sentido, Goldenberg afirma que:

Como parte integrante de uma massa, o homem não age, é telecomandado pelo líder, perante o qual se apresenta como mais um peão na engrenagem da máquina grupal, sem vontade própria. A única vontade em jogo seria a do chefe; a única responsabilidade também. O homem de massa rende o seu querer em favor do patrão, e com isso se considera isento de ter que responder pelo que faz, quando sob a sua influência (Goldenberg, 2014, p. 92).

Articulada à noção da primazia da obediência, Elias Canetti, a partir de sua própria pesquisa, apresenta a noção de ordem (1960). Segundo o autor, a ordem está presente há muito mais tempo daquilo que chamamos de civilização. “A ordem é mais antiga que a fala” (Canetti, 1960, p.380), mas afirma também que se refletiu pouco a respeito dela. Isso porque, de acordo com a hipótese de Canetti, a ordem por si só é definitiva e indiscutível, tornando o conceito em si, pouco pesquisado.

Desde pequeno, o homem acostuma-se às ordens; nelas consiste, em boa parte, aquilo a que se chama educação; e mesmo a totalidade da vida adulta encontra-se impregnada delas, seja na esfera do trabalho, da luta ou da fé. Pouquíssimas vezes o homem se perguntou o que, de fato, é a ordem: se ela é tão simples quanto parece; se, a despeito da prontidão e facilidade com a qual produz o efeito esperado, ela não deixaria outras marcas, mas profundas e talvez até hostis, naquele que obedece a ela (Canetti, 1960, p. 380).

Assim, interessado e percebendo a importância dessa ideia nas composições de massas, Canetti se propõe a explicar aspectos fundamentais desse fenômeno, tentando, a sua maneira, compreender melhor as problemáticas do poder que se constitui nas massas.

Dessa forma, Canetti afirma que a ordem se origina a partir da ordem de fuga, muito antes da existência da humanidade. Nesse caso, a relação ocasionada entre dois animais, na qual um deles, por seu porte e, portanto, por sua localização na cadeia alimentar, ameaça o outro. Nesta dinâmica, um é presa, o outro, predador. Nesse sentido, a fuga, instintiva, é a resposta imediata no afastamento da possibilidade da morte. Segundo Canetti “A fuga é a única e última instância à qual se pode apelar contra uma tal pena de morte” (Canetti, 1960, p. 380).

Isso posto, o autor desenvolve, então, a questão da ordem a partir do uso feito dela entre os homens. Entendendo que qualquer fenômeno pode e deve ser revelado a partir de sua gênese, para além das características observáveis no tempo

presente, Canetti (1960) se lança na tentativa de entendê-la com o sentido e com a experiência que temos hoje. Ele diz:

Por baixo de toda e qualquer ordem reluzem a sentença de morte e seu caráter medonho. Entre os homens, o sistema das ordens encontra-se organizado de tal forma que usualmente escapa-se da morte; mas o pavor diante desta, a ameaça, está sempre contido nelas; a manutenção e o efetivo cumprimento de sentenças de morte mantém desperto o pavor diante de toda e qualquer ordem, e de ordens de uma maneira geral (Canetti, 1960, p. 381).

A partir dessa afirmação, o autor coloca que toda ordem tem como consequência uma ação. Nesse sentido, não se pode resistir à ordem, seja discutindo, explicando-a ou colocando-a em dúvida. Assim, para atingir sua finalidade, a ordem precisa ser concisa e clara para que sua compreensão seja imediata, uma vez que qualquer forma de hesitação retira a força da ordenação (Canetti, 1960). Assim, a ordem, tal como abordada por Canetti, é sempre originada a partir de outrem que, invariavelmente, ocupa uma posição de maior força em relação ao ordenado, assim como no exemplo da relação presa-predador.

A ação que é executada sob uma ordem é diferente de todas as demais ações. Ela é percebida como algo *alheio*. (...) É importante para a ordem que ela provenha *de fora*. Por si só, ela não ocorreria a ninguém, mas faz parte daqueles componentes da vida que são *impostos*; ninguém a desenvolve em si próprio (...). A ordem provém, pois, de algo estranho àquele que a recebe, mas algo que tem também de ser reconhecido como *mais forte* (Canetti, 1960, p. 382).

Atenhamo-nos, agora, a ideia do *mais forte*, exposto acima, que irá nos servir mais diretamente nas ideias expostas e propostas nesse trabalho, afinal, o que Canetti discute aqui se alinha de forma bastante clara com a noção de transferência exposta por Freud. Sabemos que nas interações humanas e suas relações constitutivas, não se trata apenas da dicotomia predador-presa, mas é inegável a presença de relações hierárquicas. No mundo humano e nas suas relações constitutivas, não se trata mais diretamente da dupla predatória, mas a existência de relações hierarquizadas é indiscutível. Este aspecto leva Canetti a afirmar que “em seu desenvolvimento, essa ordem que conhecemos distanciou-se bastante de sua origem biológica: a ordem de fuga. Ela se domesticou” (Canetti, 1960, p. 382). Dessa maneira, o autor destaca que essa domesticação educa os seres humanos, colocando-os em um protótipo de prisão voluntária (Canetti, 1960), que se apresenta das mais variadas formas e intensidades. Contudo, essa transformação

não modifica por completo a gênese da ordem. A ameaça se mantém presente, com maior ou menor clareza, e norteia as relações ali estabelecidas. A esse respeito, Canetti elabora que:

Quando sente medo, a massa quer permanecer reunida. Em grande perigo, ela só se sente protegida quando sente também a proximidade dos companheiros. É especialmente em razão da direção de sua fuga que ela constitui uma massa. Um animal que se destaque, tomando uma direção própria, encontra-se em maior perigo que os outros. E sentirá mais o perigo particularmente porque está só; seu medo é maior. Poder-se-ia designar a direção comum dos animais fugindo em conjunto de ‘convicção’; aquilo que os mantém coesos compele-os mais vigorosamente adiante. Eles não entrarão em pânico enquanto não se sentirem abandonados, enquanto, lado a lado, cada animal fizer o mesmo que os demais, executando exatamente os mesmos movimentos. (Canetti, 1960, p. 246).

Dessa forma, o que cabe ao líder é, como afirmamos, a manutenção desse lugar ocupado. Assim como Freud fez o uso da transferência a partir de sua proposta terapêutica, o líder também instrumentaliza a transferência - em uma tentativa avessa à do psicanalista - intensificando as relações de submissão que favoreçam a influência e a consequente manipulação possível. Nesse sentido, Freud afirma que:

(...) a transferência, em especial, é um instrumento perigoso nas mãos de um médico não consciencioso. Mas nenhum instrumento ou procedimento médico está a salvo do mau uso; quando um bisturi não corta, também não pode servir para curar (Freud, 1917, p. 613).

Freud afirma, nesse sentido, que as massas, assim como a neurose, nunca tiveram a intenção de desvelar e entender a realidade e a verdade. O psicanalista sublinha, com isso, que as massas demandam ilusões bem estabelecidas, que se constituem de uma forma na qual sua renúncia é absolutamente inviável. Assim, uma vez que a massa visa a manutenção do vínculo entre seus membros, a ilusão figura como elemento pertinente às defesas grupais, que se insurgem contra o surgimento de forças psíquicas e ideias contrárias à coesão do grupo.

Essa característica – a das ilusões – articulada à neurótica freudiana, é sustentada a partir das primeiras relações da criança com seu ambiente. Isso porque, conforme transmite Freud, o bebê, quando angustiado pela fome que corrói seus órgãos internos, alucina o peito que, pouco depois, no melhor dos casos, se apresenta gratuitamente e em livre demanda. Neste momento da constituição psíquica, como em um passe de mágica, fantasia e realidade se fundem, fazendo

com que, aos poucos, aquela criança se desenvolva vivenciando seu mundo interno intensamente e investindo-o libidinalmente.

Este ponto nos parece crucial, uma vez que nele se encontram as características necessárias para o manejo da transferência por parte do líder. Isso indica que a linguagem utilizada pelo líder precisa impactar os membros da massa, oferecendo uma reatualização de um amor infantil, sustentando aqueles que participam daquela formação grupal em um estado regressivo e, por tanto, muito mais sugestionável e obediente. A esse respeito, Freud (1921) afirma que:

Já mostramos que essa predominância da vida da fantasia, e da ilusão sustentada pelo desejo não realizado, é algo determinante na psicologia das neuroses. Descobrimos que o que vale para os neuróticos não é a realidade objetiva comum, mas a realidade psíquica. (...) Como no sonho e na hipnose, na atividade anímica da massa a prova da realidade recua, ante a força dos desejos investidos de afeto (Freud, 1921, p.29)

Freud já havia elaborado a respeito do poder da palavra quando associada à figura de referência. Nesse sentido, os primeiros amores de uma criança também servem de parâmetro para entender a logística dessa verbalização. Assim, as palavras não só descrevem, mas constroem o objeto, ideias e valores por si. Quando associada ao líder, isto é, quando tem um indivíduo que carrega consigo a confiança e a admiração como remetente, “tornam-se mágicas”. Dessa forma, um pai pode assegurar seu filho de que não há monstros embaixo da cama, ou mesmo, como narrado no filme “A vida é Bela”, transformar um campo de concentração nazista em uma colônia de férias. Assim, também pode um líder convencer o possível e o impossível a partir de uma escolha acertada de frases e palavras. Nesse sentido, somos todos passíveis de convencimento por termos em nossa origem a necessidade de confiarmos no que é dito e estipulado por outros seres humanos para nos desenvolvermos enquanto indivíduos.

Theodor Adorno, filósofo e sociólogo da famosa e renomada Escola de Frankfurt, também se interessou e estudou o papel exercido pelos líderes na movimentação e direcionamento de uma massa. O trabalho elaborado por Adorno (2015) situa-se a partir do interesse em melhor compreender como os líderes se transformam em instigadores, valendo-se dos vínculos emocionais para, dessa forma, manipulá-la em favor de seus próprios interesses. Para esse autor, a figura do líder precisa se mostrar carismática e infalível; isso conquistado, tornam-se capazes de manipular aqueles indivíduos para um objetivo comum a partir de

suas angústias e receios (Adorno, 2015). Tal objetivo é conquistado a partir de técnicas retóricas e de propaganda, das quais se valeu o aparelho nazista na Alemanha, para produzir um ambiente emocional específico naquelas pessoas, criando, assim, uma sensação unânime de lealdade em torno de determinados valores e ideais. Contudo, Adorno aponta para o fato de que essa união em torno do líder pode ser bastante danosa por justamente envolver a suspensão da razão e da análise crítica – como já apontada desde o princípio por Le Bon.

Assim, é possível concluir, junto ao pensamento de Adorno, que o manejo realizado pelo líder de sua relação com os integrantes da massa procura favorecer, principalmente, a alienação dos indivíduos relacionados. A dominação demanda, portanto, alienação.

Visto de fora, o poder daquele que dá a ordem cresce incessantemente. A mais ínfima ordem contribui já para esse crescimento. (...) O poder dispara ordens qual uma nuvem de flechas mágicas: as vítimas por elas atingidas oferecem-se elas próprias ao poderoso, convocadas, tocadas e guiadas pelas flechas (Canetti, 1960, p. 383).

Gustave Le Bon, como já supracitado, entende que a arte de governar uma multidão está articulada com a capacidade de “impressionar a imaginação”. Mesmo produzindo sua obra antes de Freud, desenvolver em seu extenso e valioso trabalho, essa ideia que se alinha perfeitamente à leitura psicanalítica das massas. Conforme nos ensina Freud, na subjetividade neurótica, a imaginação se faz protagonista, sendo a partir dela que indivíduos se traumatizam, mas também é a partir dela que gozam. Dessa forma, o campo imaginativo é capaz de proporcionar tanto experiências das mais horrorosas e alienantes, quanto as mais prazerosas. Na vivência infantil, os responsáveis diretos pela criança serão, no melhor dos casos, os principais facilitadores para proporcionar ao infante, desde o início de sua vida, imaginações e fantasias que se articulem ao prazer. Nesse sentido, entendendo que, se as experiências construídas na infância nos acompanham ao longo de toda a vida, o líder também pretende estimular nos indivíduos sentimentos que possibilitem o prazer de se fazer e estar em conjunto. Nesse sentido, se coloca uma satisfação, seja por sentimento de fruição direta e mais-valia, ou mesmo pelo acolhimento frente ao perigo que é estar sozinho, do lado de fora da massa.

Dessa maneira, fica evidente que, uma vez que a massa se estabelece, o líder passa a ter em suas mãos a capacidade de suscitar nos indivíduos submetidos a ele



as mais diversas possibilidades de direcionamento. Isso se deve, como vimos, à plasticidade encontrada na constituição de nosso psiquismo na busca pelo prazer, que se reproduz nesse sentido. Assim, o que definirá os caminhos, ideias e sentenças corroboradas pela massa será justamente a intenção por trás do manejo daquele que protagoniza aquele fenômeno. Representante do Ideal comum, o líder tem, em si, o mapa e as ferramentas para fomentar as ações e até mesmo as sensações que lhe convêm naqueles que o cercam e que fazem dele o núcleo daquela massa.

## 5. Considerações finais

Nas trincheiras cotidianas de uma vida adulta, não existe isso de ateísmo. Não existe isso de não venerar. Todo mundo venera. Nossa única escolha é o que venerar (Wallace, 2005, n.p.)

Neste trabalho, procuramos refletir sobre as relações entre indivíduos a partir da perspectiva da influência e da sugestionabilidade. Para isso, estabelecemos como protagonista o vínculo dos integrantes de um grupo a partir de uma figura centralizadora, isto é, o líder. Fundados subjetivamente por outro e absolutamente dependentes e submetidos em nossos anos inaugurais, ao longo de nossas vidas somos convidados, por nós mesmos, a repetir, mesmo que inconscientemente, certos comportamentos e sensações primevas. Por muitas vezes, evidentemente, o cenário social facilita a reatualização dessa hierarquia: a relação com professores, com colegas em nossa infância e adolescência, com irmãos mais velhos, com médicos, com terapeutas, com nossos pais, da infância à vida adulta ou mesmo com figuras públicas relevantes são exemplos dessa estrutura que se reapresenta.

Diante do meu encontro com essa problemática a partir do meu trabalho em ambiente escolar em contato com turmas formada por crianças – com idade média de sete e oito anos – e no meu consultório – principalmente a partir da postura de certos pacientes em idade adolescente – percebi que, de maneira espontânea, mais ou menos explícita, todos me convidavam a ocupar esse lugar de autoridade. Assim, senti a necessidade de me aprofundar nessa temática, fundamental à prática clínica e bastante necessária para uma melhor compreensão de nossa sociedade.

Nesse sentido, a pesquisa apontou que trabalho analítico, sustentado pelo fenômeno da transferência, e a prevista regressão que convoca o sujeito em suas questões primordiais acabam por atualizar uma relação de potencial submissão ao outro. A análise reconduz, inconscientemente, às posições de autoridade e, portanto, uma relação de poder não escapa ao tratamento, muito pelo contrário: é na transferência que se imprime repetidamente a relação hierárquica e de dominação que existe entre a criança e o adulto e, mais especificamente, entre a criança e seus cuidadores primordiais. Em outras palavras, em uma análise bem conduzida, é

esperado que o sujeito submetido ao tratamento projete, das formas mais variadas, na figura do analista, seus próprios responsáveis. Dessa forma, é possível experimentar, junto ao analista, afetos e lembranças que remetam ao passado infantil daquele que se deita e associa no divã.

Reconhecemos que se trata de uma inevitável relação de poder que está na base dos traumas relacionais. Tais traumas condicionam o sujeito e se inscrevem na memória e na história, apontando necessariamente para algo da relação que se estabelece entre a criança e o adulto, ainda que este último seja apenas um representante de uma norma social imposta e compartilhada na cultura.

Os pais e os adultos deveriam aprender a reconhecer, como nós, analistas, por trás do amor de transferência, submissão ou adoração de nossos filhos, pacientes, alunos, o desejo nostálgico de libertação desse amor opressivo. Se ajudarmos a criança, o paciente ou o aluno a abandonar essa identificação e a defender-se dessa transferência tirânica, pode-se dizer que fomos bem-sucedidos (...) (Ferenczi, 1933, p. 119).

Além disso, o percurso estabelecido na presente pesquisa, revelou que nas massas, como exposto nos capítulos anteriores, também há uma recondução às figuras de autoridade; elas, a partir da assunção de sua figura central, também reatualizam uma relação de poder. Assim, a diferença fundamental entre a transferência analítica e a ligação com o líder é o fato de que a transferência estabelecida entre os participantes de uma massa e o líder não será definida como uma projeção parental, mas se dará a partir de uma projeção na ordem do Ideal. Como exposto anteriormente, uma massa é constituída por um indeterminado número de indivíduos que sobrepuseram seu objetivo comum no lugar de seu Ideal do Eu, identificando-se horizontalmente por consequência (Freud, 1921). Com isso, podemos inferir que é dessa maneira, a partir dessa qualidade de vínculo, que aquele que se propõe a orquestrar e unir aquelas pessoas consegue sua efetividade.

Além disso, foi possível concluir que o líder, inicialmente descrito por Le Bon, se constitui a partir de sua época, e ainda encontra espaço no mundo contemporâneo. Nesse sentido, entendemos que, se outrora o líder se constituiu como uma figura que se firmava e se efetivava com seus discursos enfáticos e inflamados nas praças das cidades, hoje ele faz uso das mídias sociais e da internet para angariar novos seguidores.

Assim, nesse presente trabalho, defendemos a ideia de que um líder precisa manejar os vínculos estabelecidos dos indivíduos com ele. Conforme pudemos

elaborar, este manejo é possível por meio de uma eficiente propagação de ideias e imagens, que devem ser simples, claras e convincentes. Assim, é possível concluir com firmeza que o domínio das novas tecnologias, tendo a internet como principal exemplo, facilita e corrobora diretamente com essa manipulação. Assim, a afirmação freudiana de que a massa é “sugestionada e guiada por imagens (Freud, 1921)”, e não tem sede de verdade, nos fornece praticamente uma definição das relações estabelecidas e vivenciadas em conjunto no ambiente virtual.

Dessa forma, podemos nos aproximar da ideia de que a relação líder-massa, mediada pelas redes sociais, instaura uma mudança significativa e sem volta na produção e na manipulação de subjetividades. Isso pode ser afirmado não só pela amplitude do alcance das afirmações de ideias, mas pela facilidade com a qual se produzem imagens, literalmente, uma vez que, na rede, é possível adulterá-las com uma verossimilidade surpreendente. Dessa forma, torna-se possível apresentar ideias e fatos a partir da narrativa e ângulo que interessa sem nenhum compromisso com a verdade e com a realidade, mas com uma verossimilhança surpreendente e quase incontestável. Nesse sentido, temos a impressão de que se tornou mais fácil mentir e ludibriar, ou mesmo alienar, como afirma Adorno (2015), aqueles que puseram determinada figura como seu Ideal, isto é, todos nós, em maior ou menor intensidade. Dessa maneira, na contemporaneidade, para impressionar a multidão, como afirma Le Bon, bastam poucos cliques que podem ser feitos de maneira solitária, dentro de seu próprio cômodo.

Para usar o termo utilizado por Elias Canetti, faz-se simples transmitir, por meio dessa tecnologia, imagens distorcidas e efetuar comandos, possibilitando a *descarga* entre muitas pessoas. Para ilustrar isso, temos como exemplo bastante significativo e recente a utilização das chamadas *Fake News*, coordenadas por determinados partidos políticos brasileiros. Porém, nesse presente trabalho, não conseguiremos aprofundar esse debate específico, por mais fundamental e interessante que seja para o tema.

Produzir uma pesquisa tendo a formação de massas como objeto de estudo é um desafio. Assim, para a realização da presente pesquisa, se mostrou indispensável atentar ao longo de todo o percurso para descrições e afirmações que reduzem o fenômeno às percepções carregadas de adjetivos negativos e preconceitos. É exatamente a respeito desses obstáculos que é feita a denúncia canettiana em “Massa e Poder”. A massa enquanto fenômeno é dinâmica,

absolutamente complexa e variável. Não se pode generalizar o fenômeno a partir de uma experiência datada. Não por menos, Elias Canetti demorou tantas décadas em sua tentativa de produzir um conhecimento que abarcasse tamanha variedade e produzisse sua obra ímpar.

Apesar das duras críticas realizadas por Canetti, reconhecemos que Freud (1921) foi o primeiro a conseguir escapar das descrições pejorativas e perceber que, na massa, o egoísmo pode dar lugar ao altruísmo a partir da limitação do narcisismo de seus integrantes que passam a se sentir pertencentes a um grupo que tem um mesmo objeto de parâmetro ideal e de identificação. O aspecto do altruísmo, ressaltado por Freud, implica que a massa não forma, necessariamente, indivíduos selvagens e muito menos se caracteriza como um fenômeno patológico. Nesse sentido, entende-se que uma leitura preconceituosa acerca do fenômeno das massas tem como base um medo elitista das classes populares de que estas passem a demandar mais voz e influência na sociedade e percebam seu tamanho e importância na dinâmica social.

Freud (1921) se opõe a esta leitura ao afirmar que a massa, antes de se definir pela ordem ou pelo caos, diz respeito aos vínculos entre os indivíduos e, portanto, aponta para as formas de socialização, sempre articuladas às repressões, de nossas famílias e instituições. Sloterdijk (2002) afirma que a tendência a visões ideológicas é comum e se apresenta como um obstáculo aos estudos acadêmicos direcionados a esse tema. Isso porque é do interesse de quem detém o poder produzir uma noção de massa que dificulte sua própria compreensão para que sigam em seu processo de alienação e domesticação. Dessa forma, percebe-se que uma leitura dicotômica, que tem como extremos o desprezo e a adulação, precisa ser evitada (Sloterdijk, 2002).

Com isso, podemos concluir que não se pode esperar uma massa de um lugar único, porque a sua formação – seus líderes e integrantes – são absolutamente variáveis e situados a partir de sua época. O que se pode perceber como padrão, desde os tempos de outrora até o dia de hoje, é que a massa incomoda as classes que detém o poder da sociedade por representarem, antes de tudo, uma ameaça. Isso porque a massa é, primeiramente, uma reação ao sistema que, muito comumente, dá o verdadeiro poder nas mãos de poucos. Contudo, a respeito dessa última afirmação, precisaremos de um outro trabalho para sustentá-la com mais clareza.

## 6

**Referências**

ADORNO, Theodor. A teoria freudiana e o padrão de propaganda fascista. In: ADORNO, Theodor. **Ensaaios sobre psicologia social e psicanálise**. São Paulo: Editora da Unesp, 2015.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985.

AGUIAR, Fernando. **Da sugestão à transferência**. Editora Blucher, 2022.

BACHELARD, G. **A formação do espírito científico**: contribuições para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Nau Editora. 1996. (Obra original publicada em 1938).

BERNHEIM, H. **De la suggestion dans l'état hypnotique et dans l'état de veille**. Paris: Octave Doin, 1884.

BERNHEIM, H. **Hypnotisme et suggestion**: doctrine de la Salpêtrière et doctrine de Nancy. Paris: Le Temps, 1981.

BIRMAN, J. **O sujeito na contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

BIRMAN, J. **Psicanálise, ciência e cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

BIRMAN, J.; COELHO, D. M. A transferência na pesquisa em psicanálise - um ponto de vista ético. In: J. BIRMAN; D. KUPERMANN, E. L. CUNHA; L. FULGÊNCIO (Org.). **A fabricação do humano, psicanálise, subjetivação e cultura**. São Paulo: Zagodoni, 2014, p. 123-135.

BRAID, James. **Neuroypnology or the rationale of nervous sleep considered in relation with animal magnetism**. London: J. Churchill, 1843.

BREUER, J.; FREUD, S. (1893-1895). Estudos sobre a histeria. In: FREUD, Sigmund. **Estudos sobre a histeria (1893-1895)**. Edição standard brasileira das

obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, v. 2, 1996.

CALIGARIS, C. **O grupo e o mal**: Estudo sobre a perversão social. São Paulo: Fósforo, 2022.

CANETTI, Elias (1921-31) **Uma Luz em Meu Ouvido**. São Paulo; Companhia de Bolso; Edição de bolso, 2010.

CANETTI, Elias (1960). **Massa e Poder**. São Paulo: Companhia de Bolso; 1ª edição, 2019.

CHARCOT, J-M. De la métalloscopie et de la métallothérapie– Gazette des hôpitaux 07 e 14 de março 1878. In: **Euvres complètes de J. M. Charcot (Tome IX)**. Paris: Lecrosnier et Babe Libraires Éditeurs, 1890.

CHERTOK, L. **A hipnose entre a psicanálise e a biologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

CHERTOK, L.; STENGERS, I. **O coração e a razão**: a hipnose de Lavoisier a Lacan. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

ELLENBERG, H. F. **A descoberta do Inconsciente**: a história e evolução da psiquiatria dinâmica. New York: Basic Books, 1970.

FERENCZI, S. (1929). A criança mal acolhida e sua pulsão de morte. In: FERENCZI, S. **Obras completas**: Psicanálise IV. São Paulo: Martins Fontes, 2. Ed., 2011, p. 55-60.

FERENCZI, S. (1933) Confusão de língua entre os adultos e a criança. In: FERENCZI, S. **Obras completas**: Psicanálise IV. São Paulo: Martins Fontes, 2. Ed., 2011, p. 111-121.

FLORENCE, J. As identificações. In: MANNONI, M.; **As identificações na clínica e na teoria psicanalítica**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, p. 115-146.

FOUCAULT, M. (1963). **Vigiar e punir**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1977.

FREUD, S. (1895). Projeto para uma psicologia científica. In: FREUD, Sigmund. **Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, v. 1,

1996.

FREUD, S. (1900). A interpretação dos sonhos. In: FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. 4, 1996.

FREUD, S. (1905a). Tratamento psíquico (ou anímico). In: FREUD, Sigmund. **Um caso de histeria, Três Ensaios Sobre Sexualidade e Outros Trabalhos**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, v. 7, 1996.

FREUD, S. (1905b). Três ensaio sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, Sigmund. **Um caso de histeria, Três Ensaios Sobre Sexualidade e Outros Trabalhos**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, v. 7, 1996.

FREUD, S. (1912). Dinâmica da transferência. In: FREUD, Sigmund. **O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. 12, 1996.

FREUD, S. (1913). Totem e tabu. In: FREUD, Sigmund. **Totem e tabu e outros trabalhos**. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 13.

FREUD, S. (1914). Artigos sobre a técnica. In: FREUD, Sigmund. **A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos**. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 14.

FREUD, S. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: FREUD, Sigmund. **A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos**. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 14. p. 77-110.

FREUD, S. (1915). Os instintos e suas vicissitudes. In: FREUD, Sigmund. **A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos**. Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 14.

FREUD, S. (1916-1917). Conferências introdutórias sobre a psicanálise. In: FREUD, Sigmund. **Conferências introdutórias sobre a psicanálise**. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. 15, 1996.



FREUD, S. (1920). Além do princípio de prazer. In: FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, v. 18, 1996.

FREUD, S. (1921). Psicologia de grupo e análise do ego. In: FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer, Psicologia de grupo e outros trabalhos**. Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 18. p. 79-156.

FREUD, S. (1923). O ego e o Id. In: FREUD, Sigmund. **O Ego e o Id e outros trabalhos**. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. 19, 1996.

FREUD, S. (1925). Um estudo autobiográfico. In: FREUD, Sigmund. **Um estudo autobiográfico, Inibição, sintoma e ansiedade e outros trabalhos**. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. 20, 1996.

FREUD, S. (1930). O mal-estar na civilização. In: FREUD, Sigmund. **O futuro de uma Ilusão, o Mal-Estar na Civilização e outros trabalhos**. Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 21. p. 67-150.

FREUD, S. (1937a) Construções em análise. In: FREUD, Sigmund. **Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, v. 23, 1996.

FREUD, Sigmund. (1937b) Análise terminável e interminável. In: FREUD, Sigmund. **Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, v. 23, 1996.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 13. Ed., 2011.

GARCIA-ROZA, L. A. **Introdução à metapsicologia freudiana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, v. 2, 5. Ed., 2000.

KUPERMAN, D. Da sugestão à transferência. In: introdução ao livro de Aguiar, **Da sugestão à transferência**. Editora Blucher, 2022.

KUPPERMANN, D. **Por que Ferenczi?** São Paulo: Zagodoni, 2019.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 4ª ed., 2001.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. (1983) **Vocabulário de Psicanálise**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 4. Ed, 2016.

LE BON, Gustave. (1895) **Psicologia das multidões**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

MCDUGALL, W. (1920). **The group mind**. London: Cambridge University Press, 1927. Recuperado de: <https://archive.org/stream/groupmind032676mbp#page/n9/mode/2up>. Acesso em: 13 nov. 2023.

MESMER, F. A. Memória sobre a descoberta do magnetismo animal. In: MESMER, F. A. **A ciência negada e os textos escolhidos**. Bragança Paulista: Lachâtre, 1779.

MEZAN, R. **Tempo de muda**: ensaios de psicanálise. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

MEZAN, Renato. Pesquisa em psicanálise: algumas reflexões. **J. psicanal. [online]**. v.39, n.70, pp. 227-241, 2006. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352006000100015&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100015&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 18 out. 2023.

MONTEIRO, D. B. R.; JACÓ-VILELA, A. M. Fios e sedução: os primórdios "psi" nas terapias para corpos e mentes perturbadas". In: JACÓ-VILELA, A. M.; FERREIRA, A. A. L; PORTUGAL, F. T. (Org.). **História da Psicologia**: rumos e percursos. 2. Ed. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2008.

NEUBERN, M. S. (2007). Sobre a condenação do magnetismo animal: revisitando a história da psicologia. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, n. 23, v.3, p. 347-356. Recuperado de: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-7722007000300015&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-7722007000300015&script=sci_arttext). Acesso em: 14 out. 2023.

ROUDINESCO, E. PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ROUDINESCO, E. Henri Ellenberger e a descoberta do inconsciente. **Revista Latino-americana de psicopatologia fundamental**, n. 8, v. 4, p. 587-595, 2004.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ZWEING, S. **A cura pelo espírito: em perfis de Franz Anton Mesmer, Mary Baker Eddy e Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

ZWEING, Stefan. **A cura pelo espírito em perfis de Franz Mesmer, Mary Baker Eddy e Sigmund Freud**. Rio de Janeiro, Zahar, 1930.